



ÌKÒRÍTA ILÉ

YADJLA EDÉ

(elu/delu)

ÌKÒRÍTA ILÉ

:Casa de encruzilhadas

Orientadora: Prof.^a Dra Sandra Pantaleão (ela/dela)
Caderno Teórico TCC2
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Artes e Arquitetura
Goiânia
Dezembro de 2021

“Ser travesti e você não ter onde viver, todos os dias são uma tortura.” Bianca Kalutor, 2020.

TEMA

ASSISTÊNCIA SOCIAL

TEMÁTICA

CENTRO DE ASSISTÊNCIA À POPULAÇÃO TRANSGÊNERO ATRAVÉS DO EDIFÍCIO REPRESENTATIVO



Brasil



Goiás



Goiânia



Setor Central

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de Demétrio, Ygoná, Matheusa, Dandara, Keron, e a tantas outras pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pelo preconceito e intolerância.

E a todas as pessoas trans, especialmente às pessoas trans racializadas que ocupam linha de frente na luta e história em resistência pelo existir nosso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Èxù, Logunedé, Oxalá e a todos Òrixàs, a todas as entidades e todo meu povo, minhes ancestrais e transancestrais, por me guiarem nesse ilé e me darem a honra do pertencer, a todes que vieram antes de mim e que abriram as portas para que eu pudesse existir e seguir a luta nesse pequeno fragmento da história, contando um pouco dela e traçando novas memórias de existência.

À minha irmã Dhara por me ensinar o que é carinho e afeto, à minha mãe e meu pai por me trazerem até aqui, mis amigas por compartilharem do crescer junto comigo e a todes do Levanta Trans por acreditarem no nosso propósito e fazer nosso projeto e este trabalho possível e à minha orientadora Sandra Pantaleão por acreditar no meu trabalho e caminhar junto comigo.

RESUMO

O projeto aprofunda-se na relidade e vivência de um grupo social extremamente hostilizado através da análise do rastreio histórico da população e das fundamentações arquitetônicas e urbanísticas e busca através dos mesmos (arquitetura e urbanismo) reinventar os imaginários sociais acerca desse público veemente marginalizado, utilizando simultaneamente dos conceitos e percepções propondo a Atmosfera e suas sensações como a conexão instintiva (Peter Zumthor) capaz de se cruzar com o movimento/imprevisibilidade proporcionados pelas conexões interpessoais (Bernard Tschumi) a fim de re-elaborar os imaginários sociais através de uma proposta arquitetônica que visa acolhimento e empoderamento desta população.

Palavras chave: Atmosfera, Eventualização, Estímulo , Integração, Flexibilidade, Arquitetura intimista, Empoderamento.

NOTAS

Em respeito às identidades não-binárias foram usados recursos da neolinguagem no corpo textual do trabalho bem como na elaboração das pesquisas voltadas para pessoas transgênero. Tais recursos consistem em neutralizar de marcadores de gênero nas palavras aderindo a substituição das vogais que demarcam gênero nas palavras referidas aos sujeitos pelas vogais E ou U.

Gráfico: Pessoas trans não-binárias que usam pronomes neutros

Amostragem total: 2079 pessoas.



Cisgênero: Ou abreviação “cis” define todas as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi imposto ao nascimento, sendo oposto ao termo “trans” ou “transgênero”, que são pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi imposto ao nascimento.

Cisnormatividade: A cisnormatividade ou cisnorma é uma imposição de um “alinhamento” de gênero e corpo, baseados em preceitos construídos pela própria “cisnorma” que, socialmente, estabelece e impõe padrões comportamentais e performativos para as pessoas com base nos seus órgãos reprodutores.

Cisnorma: São as regras comportamentais ou performativas consideradas dentro da “normalidade” pela sociedade cisgênera.

CIStema: Grafia utilizada estrategicamente a fim de indicar e enfatizar a participação da cisnorma na elaboração e manutenção sistema vigente como um todo, ou seja, faz referência ao sistema propriamente cisnormativo.

Queer: Palavra inglesa que ao pé da letra a palavra significa “estranho” ou “esquisito”, usada há quase 400 anos. Na Inglaterra havia até uma “Queer Street”, onde viviam, em Londres, os vagabundos, os endividados, as prostitutas e todos os tipos de pervertidos e devassos que aquela sociedade poderia permitir. O termo ganhou o sentido de “viadinho, sapatão, maricona, mari-macho”, desde então, o termo passou a ser usado como ofensa a todas as pessoas que desviavam da norma cis-heterossexual.

Pessoa transviada: proposta de tradução para o termo “queer” em português, pela professora Berenice Bento (In:<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>). Esta palavra aqui posta está marcada de forma neutra, tendo suas variações para as demais flexões de gênero.

Transgênero: Pessoa que não se identifica com o gênero imposto ao nascimento.

Binário: Pessoas que se identificam unicamente ou como homem ou como mulher.

Não-binário: Pessoas que não se identificam em totalidade como homem ou mulher.

Transfeminina: Pessoa transgênero cujo alinhamento de gênero se encontra no espectro feminino.

Transmasculina: Pessoa transgênero cujo alinhamento de gênero se encontra no espectro masculino.

Trans não-binária: Pessoa transgênero que não se identifica com os termos transfeminine ou transmasculine. É importante pontuar que, uma pessoa não-binária pode se identificar enquanto transmasculina ou transfeminina.

Transdescendente: Pensado na descendência das pessoas trans, o termo autoral foi criado para reafirmar a perpetuação da história violentamente apagada deste grupo social, que mesmo invisibilizadas afirma-se a existência e o legado através de seus descendentes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
AS RAÍZES DO BRASIL	8
CORPOS FLUTUANTES	9
CONTEXTO ATUAL	10
REFERÊNCIAS PROJETUAIS	12
NECESSIDADES DE GÊNERO	15
REFERÊNCIAS TEÓRICAS	16
ANÁLISE DO SÍTIO	17
TERRITORIALIDADES	18
TRANSDISCENDENTES EM GOIÂNIA	18
ÁREA DE INTERVENÇÃO	23
ASPECTOS MORFOLÓGICOS	23
PROGRAMA DE NECESSIDADES	24
DIRETRIZES PROJETUAIS	24
ESPACIALIDADE	25
ANEXOS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33



Imagem 1: Andréa de Mayo, interpreta Geni na peça Ópera do malandro, de Chico Buarque, em 1979. Acervo J.S. Intervenção artística: Autoral.

INTRODUÇÃO

Através das análises dos processos territoriais, nota-se que a população transgênero configura-se pela permanência nos espaços da cidade, sendo constantemente dispersadas para as margens urbanas. A desterritorialização que esse público sofre promove espaços de aparecimentos difícil mapeamento devido à sua fluidez causada pela marginalização em consequência dos estigmas sociais, portanto são compreendidos como zonas embaçadas na cidade. Uma vez que estão sempre se realocando e buscando espaços seguros para se estabelecerem temporariamente, esses grupos são submetidos à intransitoriedade social, impossibilitados de sair da situação de vulnerabilidade. Portanto, este trabalho busca a representatividade dessa territorialidade identificando as fissuras pré-estabelecidas pela arquitetura e urbanismo normativos, sanando as porosidades e lacunas promovidas pela conjuntura sociocultural vigente até os dias atuais.

A centralização de Goiânia é revigorada dentro de uma cultura multifacetada, assim como demais grandes centros urbanos, a territorialidade Queer ou travesti sempre esteve presente no itinerário urbanístico da cidade, mesmo com as constantes tentativas de apagamento da população pelo conservadorismo cis hetero-normativo e racista. Para tanto, muito se perdeu, dos valores culturais identitários de onde se mantém a história de Goiânia. Muito se diz sobre a decadência do centro e do vazio noturno, porém o vazio físico é nada mais que o retorno de um abandono social.

Diante deste cenário, surge a necessidade de uma intervenção que traga o resgate de uma história pouco contada, porém, ainda não documentada, que até hoje ecoa pelas vielas, becos e janelas. Uma história que afirma um local de

aparecimento de toda uma comunidade diversa e digna de cidadania, afeto, segurança e de pertencimento. Promovendo a resignificação do imaginário popular sobre qual lugar essas pessoas deveriam ocupar na sociedade, consequentemente, a possibilidade de inserção social.

O complexo de acolhimento, abrigo e capacitação para pessoas transgênero é pensado como uma execução institucional. O programa é pensado para prestar apoio imediato e direcionamento adequado para as demandas deste público, promovendo autonomia e amparo a essas pessoas. Tal edifício modelo tem como enfoque a representação do espaço legitimado já estabelecido por este público, para tanto, devido à bagagem histórica da cidade de Goiânia, será instalado no setor central, com projeções de replicação e expansão do seu programa através de alguns usos flexíveis que permitem autonomia na apropriação do espaço.

Pelo elevado grau de marginalização, subnotificação e descaso, a proposta projetual implementa a concatenação do levantamento e contextualização histórica do público alvo à proposta teórica conceitual como elementar para a profunda contemplação da edificação, como objetivo promover abrigo, amparo e capacitação para a população transgênero através de um edifício representativo modelo. Que visa reafirmar e trazer representação e empoderamento dessa população na sociedade, enquanto promove medidas para sanar as lacunas deixadas pelos intensos desgastes sociais.

Atenta-se à pluralidade de perfis trazidos por esta comunidade e suas necessidades, enquanto busca sua inserção social e afirmação do seu empoderamento.

AS RAÍZES DO BRASIL

27 de fevereiro de 1987 na cidade de São Paulo, é iniciada a Operação Tarântula, conhecida também como caça às travestis e transexuais.

Marta Sá, em uma entrevista para A Tarde TV, canal de notícias de Salvador, relata sobre a repressão vivenciada nos anos 1970 e 1980 e fala das abordagens policiais.

“E quando eles faziam aquela arbitrariedade com a gente eles diziam: isso é pelo nome dos bons costumes, que raspavam a cabeça da gente, batiam. Se viam a gente circulando na rua eles levavam. Se a gente tivesse dentro de casa e eles soubessem que tinha travesti morando lá eles invadiam e levava. Uma vez na morte da finada Clara Nunes eu sai para comprar um quilo de acém no açougue ali na outra rua e quando eu voltava com a carne a polícia pegou e me levou com a carne e com tudo. Eram dez e meia da manhã, me levou pra delegacia. Você está me prendendo por que? porque vim comprar uma carne? Não, porque você é travesti, tem peito. Bora!” (Sá, 2015)

Advinda no contexto do recém chegado “câncer gay”, sobre a premissa de limpar a cidade da epidemia do HIV, a polícia e o governo passam a oprimir mais ainda as pessoas LGBTQIA+, pois estigmatizam a doença como sendo exclusivas a pessoas que têm práticas sexuais não “normativas”.



“De noite pelas calçadas
Andando de esquina em esquina
Não é homem nem mulher
É uma trava feminina
Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Está sempre em desconstrução! [...]”

(QUEBRADA, Linnda, 2017)

Imagem 3: Luana Muniz, rainha da Lapa, Rio de Janeiro, 2016 (Alejandro Oliviera the Clinic)



Imagem 2: Álbum “Racha” da cantora Urias, foto: Luiz Filho. Intervenção artística: Autoral.

Movimentos de resistência surgem em contrapartida a essas perseguições. E muitas travestis e transexuais para não serem presas e torturadas passam a se cortar, se mutilar (HELIODORO, 2020). Carregavam cuidadosamente uma lâmina de gilete embaixo da língua e, quando pegas, se automutilavam: às vezes até coletivamente, nas celas ou em delegacias, cortavam os próprios pulsos, braços, pescoços e até órgãos genitais. “Toda vez que a polícia me pegava eu começava a me cortar”, reportava a travesti Beatriz, em entrevista a Hugo Denizart (Trevisan, p.384-385). Os policiais temiam a contaminação do recém chegado, pouco conhecido e muito estigmatizado, vírus HIV, popularmente, e pejorativamente, conhecido, entre os anos 1980 e 1990, como “peste gay”.

“[...]Minha navalha carrega o fio da vida
Minha voz está cansada de gritar
Sei que o meu caminho é só de ida
E a gente não vai recuar

Esperar o amor, mas andar com medo
Eu mereço muito, muito mais
Espero ter sorte, não morrer tão cedo
Eu sei, eu mereço andar em paz[...]”
(URIAS, 2019)

A Operação Tarântula deixou um grande número de mortes e sumiços de pessoas trans e travestis, para além dos traumas que nunca foram minimamente cuidados e desde então é estabelecido um (des) valor social silenciado em que pessoas transviadas não devem ocupar a cidade à luz do dia -sendo este horário destinado apenas à “família” e à população digna de cidadania-, os corpos entendidos como dissidentes só devem perambular, da forma mais discreta, durante a noite para que não sejam vistos, efetivando a subcidadania queer no Brasil.

Atravessado impetuosamente por todos marcadores coloniais, rasgado pelo preconceito, abandono, descaso, violência e constante apagamento, o grupo social mais desumanizado é o grupo transgênero, sobretudo a parcela deste grupo que também é atravessada pelo racismo e demais mazelas estruturais. Dos impedimentos a acesso aos direitos básicos à inexistência de leis reparadoras da ordem estrutural opressora referentes a esta parcela da sociedade, sorrateiramente, a subnotificação desta população- pelo estado-, tenta a erradicar da história, contudo, os poucos dados que se tem já apontam uma situação alarmante.



“Minha mãe tem 104 anos e nunca soube que eu sou Madame.”

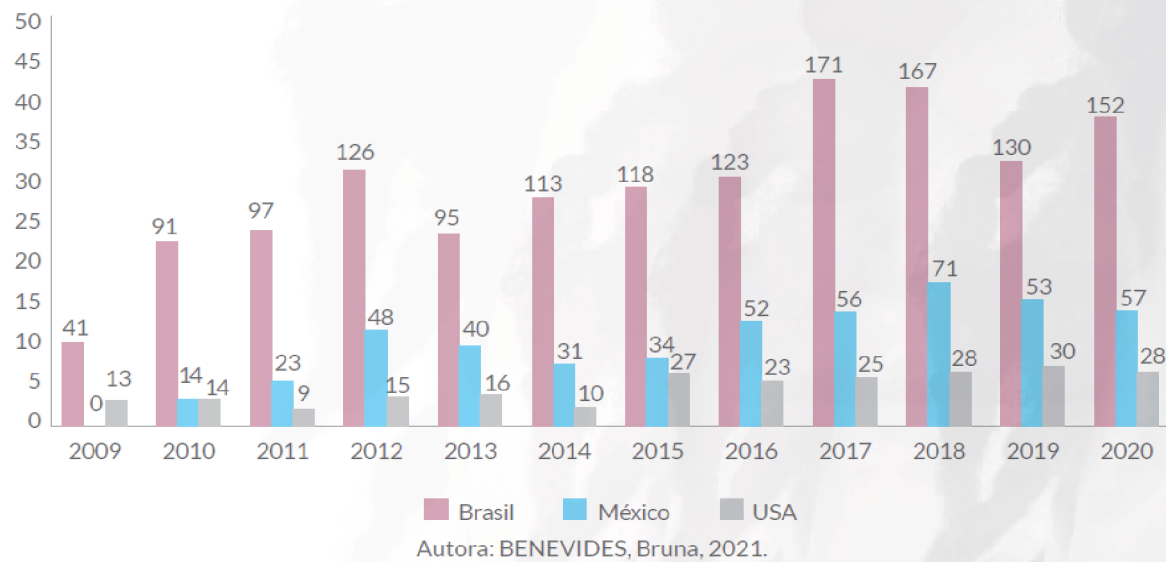
os guardas com sua impagável imitação de Carmen Miranda — de quem era amiga, aliás. Falecida em 1976, com mais de setenta anos, Madame Satã foi uma representante da verdadeira contracultura brasileira, segundo Paulo Francis.

Além do mais, considerando a relação predatória que o Brasil tem consigo mesmo, é evidente que o fenômeno da invisibilidade

Segundo a ANTRA -Associação Nacional de Travestis e Transexuais- em 2020, o Brasil se manteve no 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com números que se mantiveram acima da média. Neste ano, encontramos notícias de 184 registros que foram lançados no Mapa dos assassinatos de 2020. Após análise minuciosa, chegaram ao número de 175 assassinatos, todos contra pessoas que expressavam alinhamentos de gênero feminino em contraposição ao gênero designado no nascimento. Além de enfatizar a subnotificação e ausência de dados governamentais, que por conseguinte abre uma grande margem de erro para os vários casos não computados pelo desrespeito à identidade da pessoa trans, vale pontuar que a grande maioria dos casos de mortes e violências contra pessoas trans levantados pela ANTRA são referentes às populações transfeminina e transmasculina, não havendo entre essas mesmas ou para além delas, mapeamento de pessoas não-binárias, não abrangendo pessoas trans não-binárias que não se encontram nesses espectros.

Madame Satã contou, em suas memórias, como certa vez fugiu da prisão enquanto entretinha

Gráfico: Levantamento Assassinatos TGEU



acontece como tentativa de contornar um estigma social — que, aliás, faz parte da mesma tábua de valores de quem compartilha o estigma. Sempre foi fácil dar um jeito e contornar a situação para evitar rupturas (Trevisan, 1980, p.374).

As territorialidades de afirmação dessa população descrita por Trevisan como “guetos gueis”, existem num cruzamento de circunstâncias contraditórias. Por um lado, trata-se da única alternativa para que esses “pontos fora da curva” convivam à vontade e por outro, esse espaço é delimitado para isolar os desviantes. As batidas que a polícia podia a qualquer momento efetuar dentro do gueto -e assim muita gente já foi levada presa em boates e saunas gueis. As pequenas multidões que podem ser vistas nos guetos gueis das maiores cidades brasileiras significam muito pouco diante da quantidade de práticas homossexuais clandestinas ou não assumidas, em todo o país — o que não é privilégio do Brasil, mas um dado comum nos países latinos em geral (Trevisan, 1980, p.375). Desta forma, entende-se o fenômeno do gueto como uma resposta a uma forte opressão social/estrutural.

Jup do Bairro

Imagem: John Halles, 2020.

CORPOS FLUTUANTES

Em 1933 surge o centro tradicional de Goiânia, consolida-se nos anos seguintes - décadas de 1940/50, juntamente com a fundação da mesma, apesar da cidade ter sido planejada para ser a nova capital estado, o centro sofreu intenso crescimento a partir da década de 1950, resultando na sua verticalização. Na década de 1970, culminou na constituição de novas centralidades em Goiânia cuja resposta foi o esvaziamento do centro tradicional (SILVA, 2020). Deixando diversos imóveis ociosos, Estima-se que haja pelo menos 473 edificações protocoladas no cadastro de imóveis abandonados da Secretaria Municipal de Planejamento e Habitação (Seplanh), em sua maioria destinados a uso de estacionamento.

Muito se debate nos meios acadêmicos e informais sobre o fenômeno muito comum da decadência dos centros urbanos, aqui é debruçado por uma perspectiva crítica interseccional, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Arrais (2013, p.155), os mecanismos de intervenção estatal traziam, além do traçado característico, zoneamentos fortemente influenciados pela divisão do trabalho nas fábricas e ao momento político-econômico de um mundo cada vez mais funcionalista, racional e funcional. Lefebvre (2016) discorre que os desejos latentes no espaço urbano e a dissolução das normalidades “implodem” sobre a forma de violências de uma “racionalidade que se identifica com o absurdo” (2016, p.90). Um destes absurdos é o zoneamento presente no estudo de planejamento de Goiânia que, Lefebvre (2016 p. 110) caracteriza como algo representativo que implica em separações e segregações espaciais.

As “fissuras”, consideradas ou não no planejamento, se materializam diante da racionalidade de um zoneamento segregacionista.

Segundo Fernandes (2020), essa é uma população flutuante, caracterizada pela migração sexual.

Refugiadas, buscando por condições de sobrevivência um pouco melhores ou pelas vantagens de construir sua identidade em um papel em branco essas pessoas vão em busca de realizar seus sonhos, sendo estes muitas vezes o sonho de realizar seus processos de transição -cirurgias, terapias hormonais, etc-, devido à realidade que atravessa a vivência dessas pessoas, logo, elas partem para outros lugares.

Há pouco tempo para se conseguir acesso às poucas cirurgias estéticas disponíveis de transição de gênero ou terapias hormonais, obrigatoriamente, era necessário um laudo psiquiátrico que diagnosticasse a pessoa, a transgeneridade era entendida como sendo de natureza patológica. O PL 5002, projeto de lei de identidade de gênero encaminhado por Jean Wyllys na Câmara dos Deputados em 2013, visava facilitar a requalificação civil com mudança nos documentos de identificação e a alteração do corpo sem exigências burocráticas valorizando a autonomia do indivíduo sobre sua própria identidade. Conhecida como lei João W. Nery, está, atualmente, arquivada.

O projeto Trans Murder Monitoring (TMM) monitora, coleta e analisa sistematicamente relatórios de homicídios de pessoas trans e com diversidade de gênero em todo o mundo. Entre 1 de janeiro de 2008 e 30 de setem-

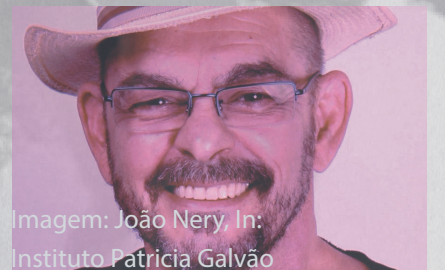


Imagem: João Nery, In: Instituto Patrícia Galvão

João W. Nery em 1971, pela qual sofreu condenação do Conselho Federal de Medicina, sob acusação de lesões corporais graves, da qual foi absolvido anos depois. Em 1977, João se submeteu, como cobaia, à mesma categoria de cirurgia de readequação sexual, desta vez bem mais complicada, ainda de modo clandestino, em plena ditadura militar (PEDRA, 2020, p.227).

“Sou um corpo que já morreu inúmeras vezes” (BAIRRO, Jup do)

Imagem: John Halles, 2020.

Em 2000, a Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros de Goiás, AS-TRAL-GO foi fundada por um grupo da AGLT (Associação Goiana de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais de Goiás), somente em 2003, a convite de Fabiano, Beth Fernandes se envolveu com a instituição, sendo a primeira pessoa trans a fazer parte da equipe. Em 2004 Beth aceitou assumir a presidência da ASTRAL-GO, sob a condição de mudar o estatuto da instituição -que até então era voltado à homossexualidade-, de modo a colocar identidade de gênero e profissionais do sexo, incluindo mulheres cis, como pautas centrais, assim então.

bro de 2019, foram assassinadas 3.314 pessoas trans ao redor do mundo, sendo 2.608 casos na América Latina e 61% profissionais do sexo. Desde o início do levantamento, o Brasil tem sido o país que mais reporta assassinatos de pessoas trans no mundo (ANTRA, 2020).

Imagem: João Nery, In: Instituto Patricia Galvão

A expectativa de vida de pessoas transgênero no Brasil giram em torno de 35 anos, sendo que na maioria dos casos esse dado refere-se a pessoas trans racializadas, que enfrentam as duas grandes opressões estruturais mais desumanizadoras que há e que se acentua conforme essas pessoas se encontram em demais recortes sociais, como pessoas trans racializadas com deficiência, intersexo, etc.

A dificuldade do levantamento dessa população vem também da invisibilização de suas identidades quando vêm a óbito, tendo seus nomes e identidades desrespeitados pela família e pelo estado. Os rastreios feitos pela ANTRA apontam crescente índice de suicídio entre pessoas transgênero no Brasil, sendo que a mesma não trás os devidos recortes desta comunidade, apresentando apenas os recortes de pessoas transfemininas e transmasculinas.

A pandemia fez com que pessoas trans fossem intensamente expostas à violência doméstica que apresentou aumento de 45% no primeiro semestre. Muito em função de as pessoas terem que ficar em quarentena junto de seus algozes e alguns familia-

“Na época de parada LGBTQIA+, os líderes religiosos mandaram um ofício para o prefeito e pelo senado, para que a gente nem passe lá. Uma época, queriam que a gente fizesse a parada no autódromo, porque eles não queriam nos ver, não queriam que a parada fosse no centro de Goiânia e é justamente o que a gente queria, óbvio, aparecer pra sociedade no centro, mostrar que estávamos ali todas vivas, existindo!” (FERNANDES, Beth. Goiânia, março de 2021).

res que optam por serem intolerantes. Todo este cenário gera um processo de adoecimento provocado pela falta de políticas públicas para prevenção do suicídio e da violência transfóbica, acirramento da desigualdade social e pelo cissexismo – Ideologia dominante no país (ANTRA, 2020).

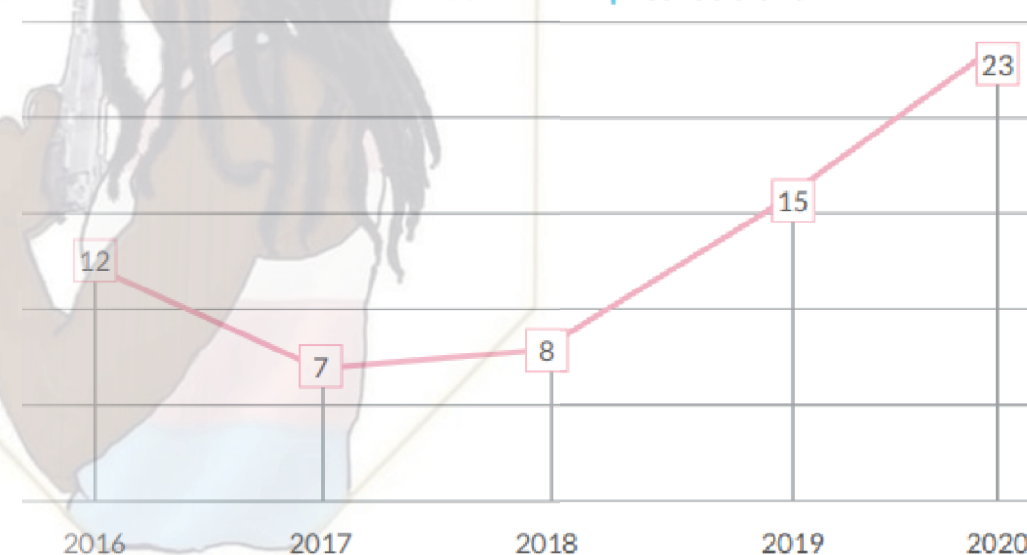
CONTEXTO ATUAL

A população trans não-binária, e demais categorias para além do binário, não são constatadas em nenhuma estatística documentada até então. Embora haja grande parcela dessas pessoas nas pesquisas gerais para pessoas trans, não há recortes específicos que pontuem a não-binaridade. Para tanto, foram realizadas duas pesquisas autorais a nível nacional sob um breve e limitado recorte, devido ao contexto pandêmico e à logística, a primeira voltada somente à pessoas trans não-binárias (gráficos nas cores da bandeira não-binária: preto, roxo, branco e amarelo).

O resultado da pesquisa é analisado levando em consideração o contexto o qual a pesquisa foi realizada*, sendo que, feita de forma virtual, alcançou apenas pessoas que têm esse privilégio e recurso. Foram mais de 2 mil formulários preenchidos em 24 horas, afirmando o latente interesse e necessidade por políticas públicas voltadas para a população trans. Ao final desse curto período de 24

horas a pesquisa foi encerrada devido ao aparecimento de intensos ataques virtuais transfóbicos, para a segurança de todes, foi alterado o formato de realização da pesquisa, onde a nova pesquisa foi mantida em segredo e os formulários preenchidos via convite direto. A segunda pesquisa abrange toda a comunidade trans (representada nas cores da bandeira trans: azul, rosa e branco), sendo esses os espectros binários e não-binários e contou com a participação de 311 pessoas, sendo 29 de Goiânia. Esse levantamento revela aspectos como da caracterização dos espaços de perigo na cidade de Goiânia, as respostas e comentários a respeito da pesquisa revelam que as pessoas transgênero não se sentem seguras em nenhum espaço público e que, em Goiânia, há alguns espaços em que esse efeito é levemente minimizado (ANEXOS)deleta. O Setor Central é o mais apontado como espaço positivo da cidade de Goiânia, sendo esta, não coincidentemente, a zona de maior

Gráfico – Suicídio de pessoas trans



Fonte: Sayonara Nogueira/ObservatorioTrans

concentração de espaços de afirmação deste público, bem como sua recente expansão ao setor universitário (Mapa da atual territorialidade transdescendente de Goiânia, p.30).

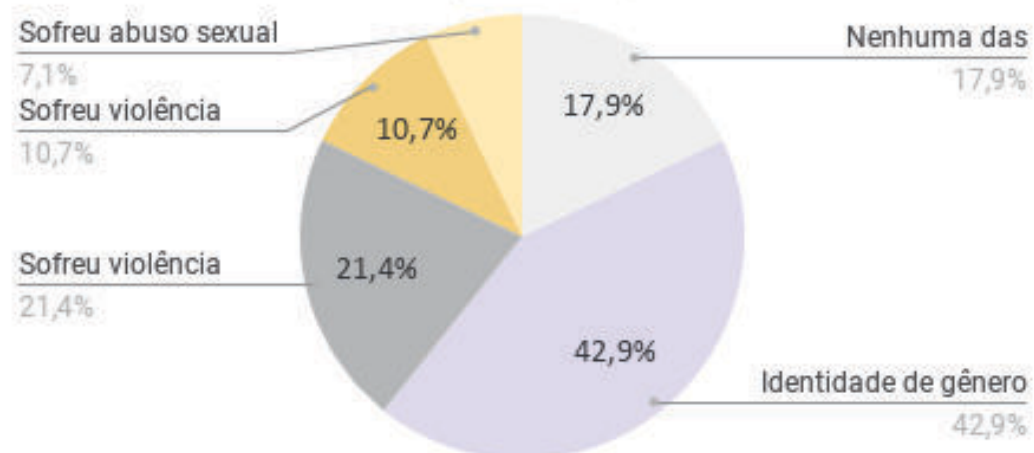
A iniciativa da pesquisa tornou-se um projeto em processo de consolidação, que visa a continuidade anual deste levantamento para amostras comparativas no futuro e organização da comunidade para reivindicação de direitos.

Complementando a contextualização social da atual população trans goianiense, segundo o último levantamento feito pela ASTRAL-GO, existem pelo menos 200 mulheres trans e travestis em situação de vulnerabilidade em Goiânia, sendo que 75% dessas não têm o ensino fundamental.

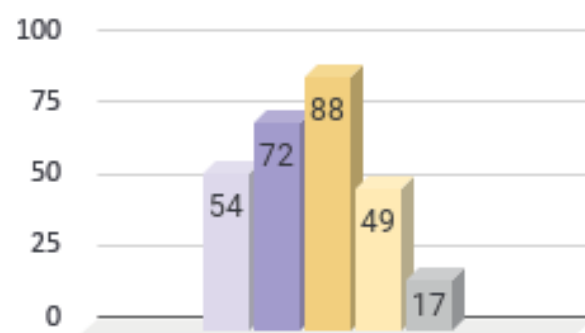
*Pelo contexto pandêmico qual se situava, a pesquisa foi

Segurança de pessoas trans não-binárias em abrigos

Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021.



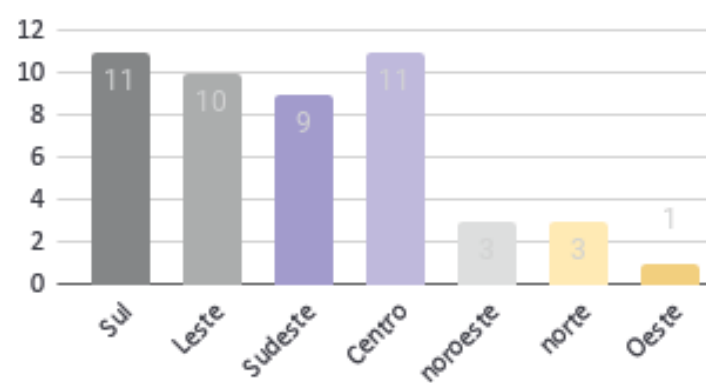
Situação sociofamiliar de pessoas trans não-binárias



Autore: Yadjla Edé Lemos 2021.

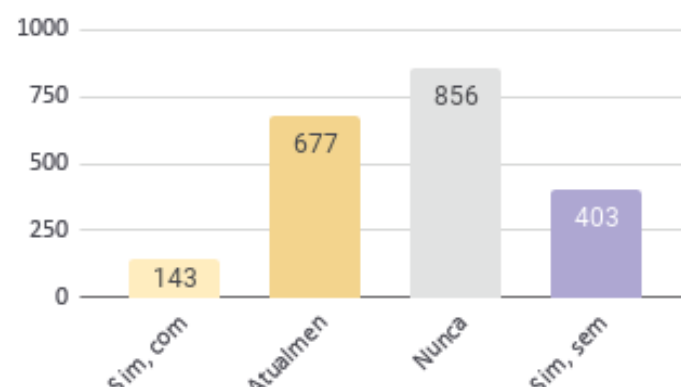
- Expulse de casa depois dos 18 anos
- Expulse de casa antes dos 18 anos
- Saiu de casa antes dos 18 anos
- Já morou/ficou/dormiu na rua
- Já morou/mora em algum abrigo

Densidade de pessoas trans não-binárias em Goiânia



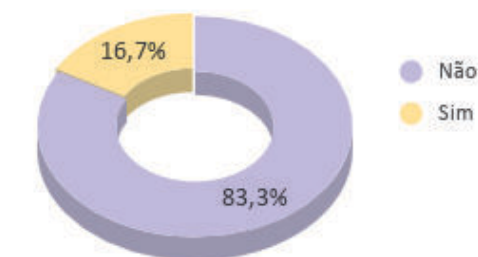
Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021.

Empregabilidade da população trans não-binária no Brasil



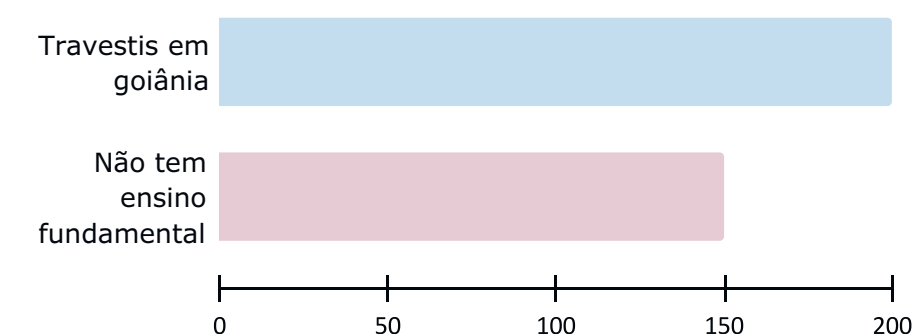
Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021.

Abrigos eram específicos para pessoas LGBTQIA+



Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021.

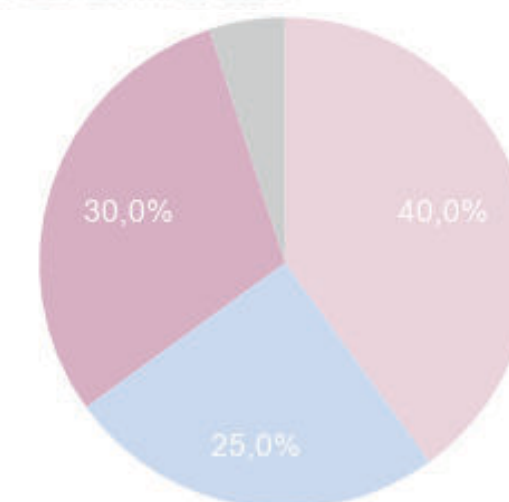
Levantamento de mulheres trans e travestis em situação de vulnerabilidade em Goiânia pela ASTRAL-GO

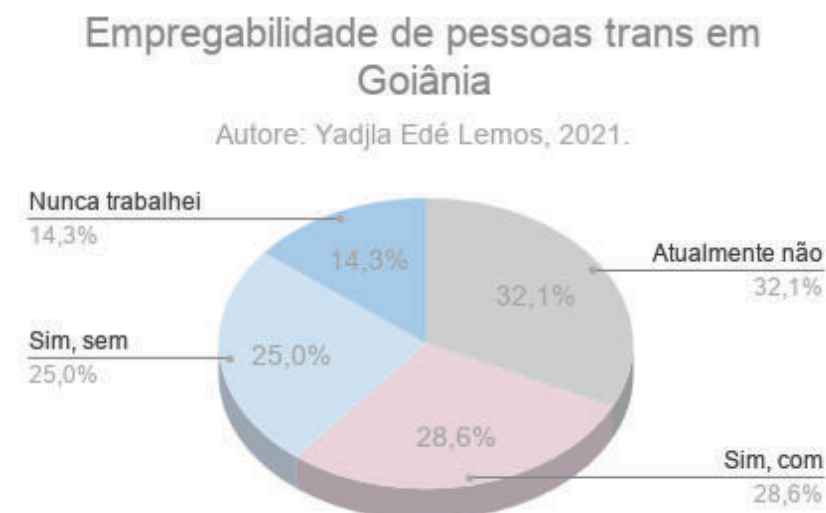
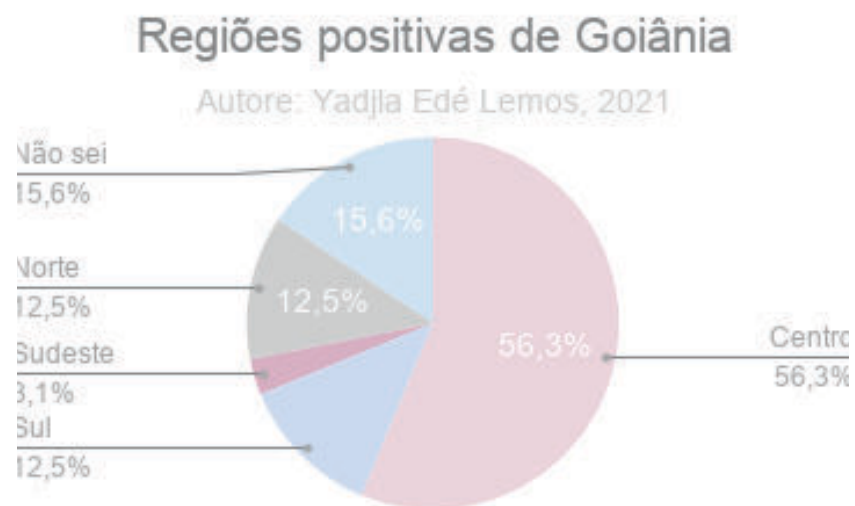
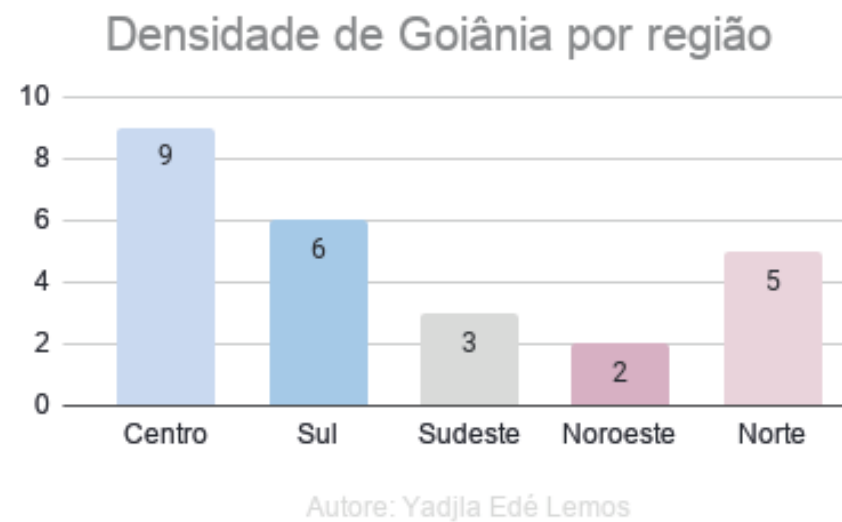


Autore: Yadjla Edé Lemos

Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021

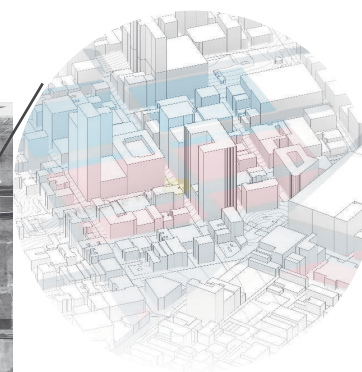
- Saíram de casa antes dos 18 anos
- Expulses de casa antes dos 18 anos
- Expulses de casa depois dos 18 anos
- Moraram/dormiram na rua





REFERÊNCIAS PROJETUAIS

TTRANSGENDER DISTRICT SF



Localização: San Francisco, CA, EUA **Ano:** 2017

Dimensão: 6 quarteirões no sudeste de Tenderloin, 184.421m².

Autoras: Honey Mahogany, Aria Sa'id e Janetta Johnson.

Conceito: Criar um ponto de inflexão no país e no mundo, enquanto valoriza e educa o mundo sobre a profundidade da cultura transgênero e suas contribuições para a libertação da humanidade.

Programa e serviços:

- Programa de oportunidades de habitação para inquilinos trans (HOTT)
- Campanha KnowOurPlace (para moradia)
- Programa Acelerador de Empreendedorismo para Pessoas Queer e Transgênero racializadas
- Workshops e eventos de empoderamento.

Potencialidades:

- Polo atrativo para a implementação de políticas e projetos sociais, tornando-se referência mundial.
- Estímulo da aproximação da comunidade e representação da territorialidade.

TTENDERLOIN

Referência teórica em análise do Bairro localizado em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.

Semelhanças entre os processos territoriais de Tenderloin (São Francisco, Califórnia) do início do século XX e os processos territoriais da comunidade trans nos centros urbanos brasileiros:

- Dispersão forçada para bairros perigosos e pobres;
- Polos de encontros homossexuais no principal centro urbano e guetos "gays";
- Gentrificação, como efeito da renovação e reconstrução urbana.

Segundo STRYKER (2008, p.87-94), na década de 20, a população transgênero de Tenderloin também enfrentava:

- Constantes discriminações e violências;
- Alto índice de assassinatos;
- Desemprego;
- Falta de acesso a moradia;
- Racismo, pois a maioria das moradoras da região eram pessoas racializadas.

Particularidades de Tenderloin:

- Surgimento da Jovem vanguarda gay e trans como ato de resistência após a famosa rebelião em resistência à transfobia social e policial na Compton's Cafeteria.
- Apoio de organizações religiosas. Lilly Glide no início de 1960 tornou-se uma das pessoas mais famosas dos Estados Unidos, inspirada pelo ativismo pelos direitos civis do reverendo Martin Luther King Jr, estabeleceu o conselho sobre Religiões e Homossexuais (CRH), apoiando também a jovem vanguarda, e a criação de projetos sociais.

LOS ANGELES LGBT CENTER



Imagem: Iwan Baan

Dimensão: 17239m² **Leitos:** 300 **Ano:** 2019
Arquitetos: Killerfer Flammang Architects, Leong Leong

Conceito: Integrar um mosaico de espaços e programas únicos que acolhem residentes, vizinhosm clientes e funcionários. Unifica os serviços sociais com programas culturais e intuitivos que se localizam do outro lado da rua, enfatizando essa conectividade com a rua .

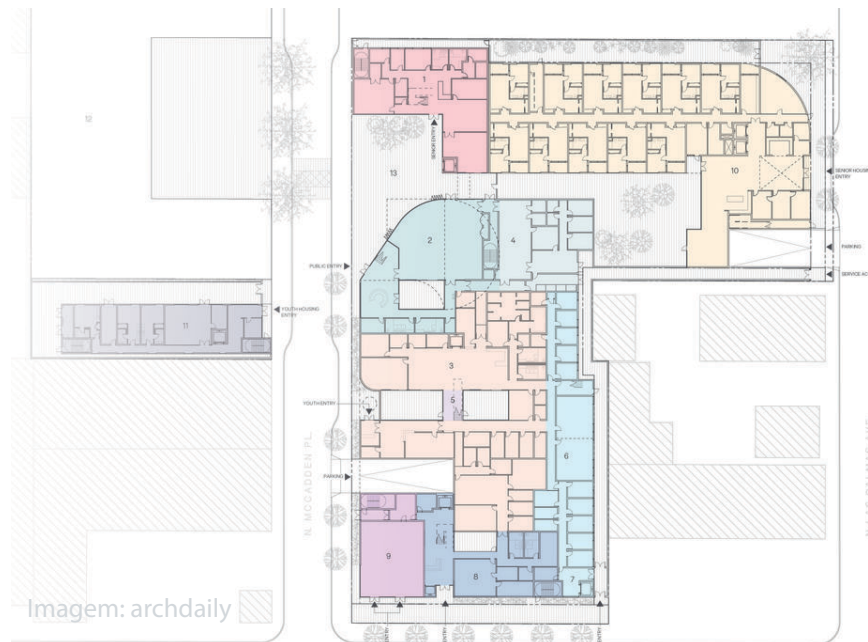


Imagem: archdaily

Programa e serviços:

•Alojamento temporário ou referência de alojamento:

- Centro para idosos
- Centro para jovens

•Chuveiros

•Serviços de roupas e lavanderia

•Administração

•Academia Juvenil da Fundação Ariadne Getty (pavimento superior)

•Laboratório de informática

•Estacionamento

Potencialidades:

•Vasta rede de programas de apoio adjacentes que atendem as amplas demandas da comunidade LGBTQIA+

•Serviços de saúde rápidos e a longo prazo

•Assistência psicológica

•Programa de capacitação

•Incentivo à cultura e lazer

•Oferece lar provisório para jovens em situação de rua

•Serviço de roupas (guarda roupas coletivo)

Problemas:

•Vidros em excesso interagem negativamente com a privacidade podendo trazer a sensação de insegurança.

•Arquitetura impessoal

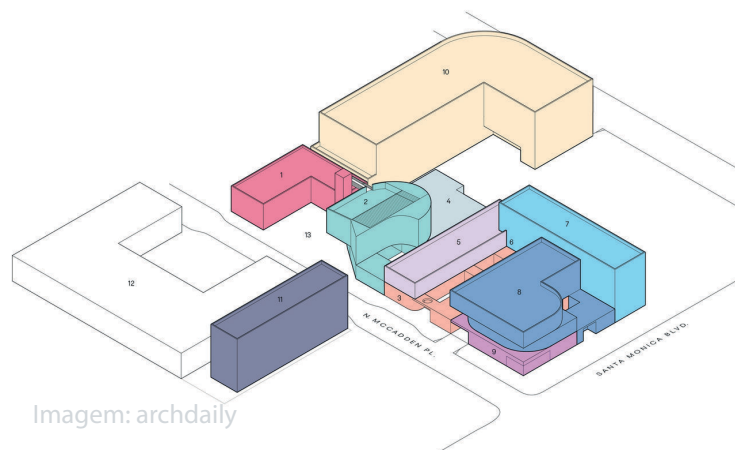
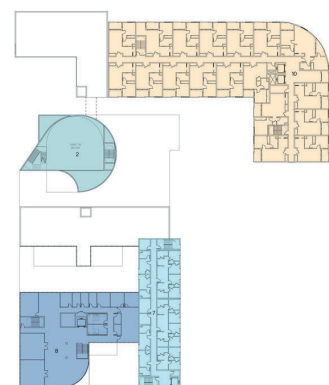


Imagem: archdaily



Imagem: archdaily



CASA 1



Imagem: Casa1.org

Localização: São Paulo

Leitos: 20 **Dimensão:** 87,30m² **Ano:** 2017

Autor: Artur Duarte Arquitetura e Gt de Atendimento

Conceito: Retrofit num sobrado histórico do bairro Bela Vista. A função central é oferecer condições para que pessoas LGBT+ alcancem autonomia financeira.

Programa e serviços:

- Alojamento temporário
- Armários, lockers, sapateiras.
- Cultura
- Assistência
- Coletivo de costura
- Biblioteca comunitária

Potencialidades:

- Incentivo à coletividade
- Possibilidades de readaptação
- Flexibilidade de usos

Desafios:

- Falta de privacidade
- Escassez de áreas de verdes
- Quantidade de leitos insuficiente



LEGENDA
 Acesso ao Núcleo de Moradia
 Acesso do público
 ESCALA GRÁFICA
 0 1 2 3 4 5m

CASA FLORESCER



Localização: Bom Retiro SP, SP
Leitos: 225 **Ano:** 2016
Autor do projeto: Alberto Silva

Programa e serviços:

- 4 Dormitórios
- Setorizados entre pessoas que trabalham e pessoas que estudam
- Refeitório
- Área de convivência
- Cozinha
- Sala de atendimento social
- Sala de atendimento psicológico
- Lavanderia
- Quadra poliesportiva

Potencialidades:

- Setorização por ocupação
- Interior com aspectos acolhedores
- Espaço para lazer e esporte

Desafios:

- Localidade afastada da cidade e zona industrializada
- Limitação do público trans a um recorte específico
- Quantidade de leitos insuficiente

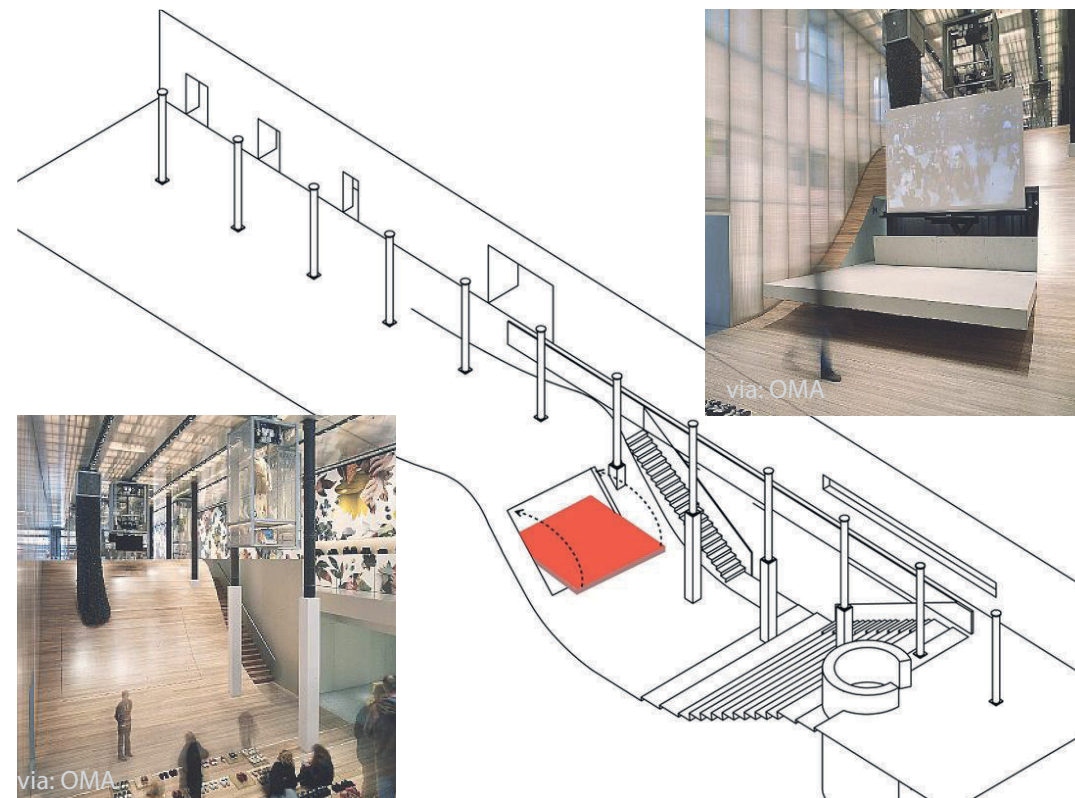
Conceito: O projeto visa encorajar essas pessoas a ocuparem os espaços públicos que, embora também são delas por direito, foi rejeitado à elas por toda a sociedade. E também chamar as pessoas da comunidade para dentro de casa, para que a sociedade as vejam, interajam e participem de atividades em conjunto, de modo desconstruir o imaginário desumanizador que se tem previamente estabelecido.

PRADA



Localização: Broadway, 575, New York, NY 10012, USA
Dimensão: 2190 m²
Ano: 2001
Autor: OMA (Rem Koolhaas) e Ole Scheeren

- Flexibilidade do espaço
- Dinamicidade
- Surpresa
- Tecnologia
- Assistência



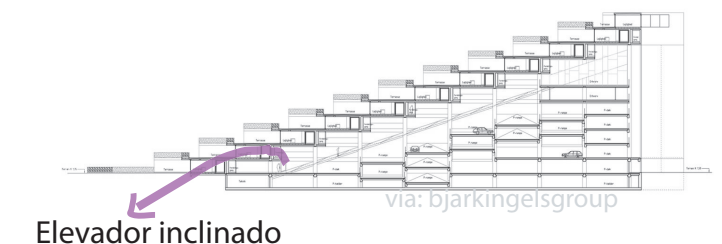
MOUNTAIN DWELINGS



Localização: COPENHAGEN, DINAMARCA
Dimensão: 33000 m²
Ano: 2008
Autor: Bjarke Ingels Group
Fotografias: Jens Lindhe, Ulrik Jantzen, Jacob Boserup, Dragor Luft
Programa: Habitação e estacionamento
80 apartamentos
480 vagas de estacionamento

Aspectos:

- Modulação
- Adaptabilidade
- Conforto térmico
- Lazer
- Tecnologia



Elevador inclinado



NECESSIDADES DE GÊNERO

“Ali onde a arquitetura parece simplesmente se colocar a serviço das necessidades naturais mais básicas (dormir, comer, cagar, mijar...), suas portas e janelas, seus muros e aberturas, regulando o acesso e o olhar, operam silenciosamente como a mais discreta e efetiva das “tecnologias de gênero”. [...] Da forma mais naturalizada, uma lei não escrita autoriza as visitantes casuais do banheiro a inspecionar o gênero de cada novo corpo que decide cruzar o umbral. [...] No século XX, os banheiros se tornam autênticas células públicas de inspeção nas quais se avalia a adequação de cada corpo com os códigos vigentes de masculinidade e feminilidade. Na realidade, a arquitetura funciona como uma verdadeira prótese de gênero que produz e fixa as diferenças entre tais funções biológicas [...]” (Paul Preciado, 2018).

A arquitetura pensada sem recortes amplos de gênero faz manutenção da estrutura que se articula, invasivamente para pensar o indivíduo a partir de dois órgãos reprodutores, essa percepção automatizada são atribuem papéis sociais ao sujeito, retirando-lhe a individualidade e autonomia sobre si, assim também, colocando os “pontos” pra “fora da curva”.

“Mijar de pé publicamente é uma das performances constitutivas da masculinidade heterossexual moderna. Desse modo, o discreto mictório, antes de ser um instrumento de higiene, é uma tecnologia de gênero que participa da produção da masculinidade no espaço público. Por isso, os mictórios não estão fechados em cabines opacas, mas em espaços abertos ao olhar público, uma vez que mijar-de-pé-entre-homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens” (PRECIADO, 2018).

A reflexo da convencional relação da arquitetura e urbanismo, são impostas relações socioculturais que reforçam a estrutura patriarcal onde há um constante reforço da hierarquia de dominação e subalternidade, onde a própria previsão programática impõem funções para determinados grupos de pessoas enquanto elimina a possibilidade transitória -entre essas funções- de outros grupos, inclusive a possibilidade de negar-se o envolvimento nessas articulações CISTêmicas e por consequência determinados indivíduos são condicionados a serem compreendidos pela norma como propriedade pública de outros.

Por que não há o espaço de fraldário nas quatro paredes ditas masculinas? será que as tecnologias de gênero atingem somente os “pontos fora da curva”?

A dicotomia da arquitetura de gênero, além de permear estruturas normativas e conservadoras, também exercem pioneirismo no apagamento de identidades que não se encontram dentro dos espectros binários, além de expor pessoas transgênero a constantes situações de violência, que independentemente do alinhamento de gênero, são alvos fáceis num CISTema predatório de gênero. A percepção genitalista reduz, equivocadamente, as pessoas a um binarismo biológico, não se atentando às reais necessidades projetuais e funcionais e que mantém uma estrutura de opressões. Sendo assim, fica implícito o conceito do real programa de necessidades -as necessidades de gênero.

Tschumi afirma que o crescimento da superficialidade e das transformações também pode significar um enfraquecimento da arquitetura enquanto forma de dominação, poder e autoridade, como esta tem sido vista nos últimos seis mil anos.



Ilustração: Érico Peretta



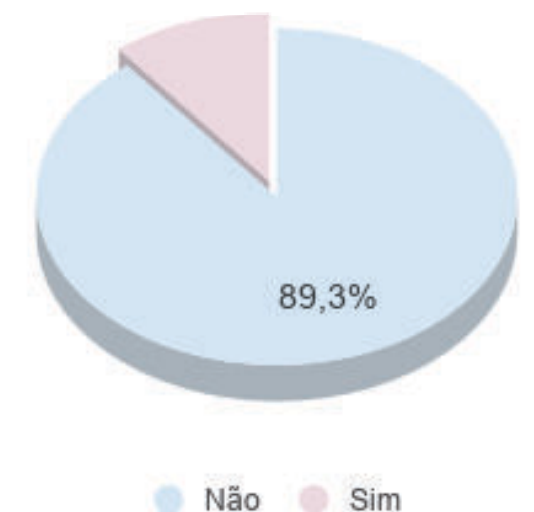
Imagem: Filme Alice Júnior, Netflix, 2020. Intervenção poética: Autoral.

A desfamiliarização deveria buscar a vantagem da decadência/desmoramento, exaltar a fragmentação multifacetada. Que a riqueza da diversidade fascina. (DUARTE, 2010) Na cultura das diferenças, citada por Tschumi, não basta reconhecer as diferenças, e sim estabelecer meios que estas convivam em verdadeiro diálogo, mantendo suas necessárias diferenças.

Para tanto, o trabalho visa estabelecer a representação dessa territorialidade legitimada na cidade através de um edifício modelo que promova em si aspectos que supram a carência latente desta população, enquanto respeita e exalta sua pluralidade, estimulando a valorização das culturas trazidas por ela.

Pessoas trans se sentem seguras com a atual divisão de banheiros

Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021



REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A contrassexualidade, de Preciado (2015) aparece como crítica aos usos, compreendendo que mesmo ativadores da região, com aspectos positivos de apropriação urbanística, reforçam uma cultura predatória do sexo, na qual há a inferiorização de determinados grupos. Segundo Miskolci (2016, p.42), “as ordens arquitetônicas são tecnologias de construção de gênero, de discriminação”, assim, a arquitetura e o urbanismos se prestam como ferramenta para manutenção das concepções homogêneas e segregacionistas que tiram o direito à cidadania do grupos considerados por este CISTema como dissidentes e abjetos.

Preciado (2015), exemplifica sistematicamente sobre os intensos processos de desconstruções de estigmas sociais para a construção de novas percepções sobre o sexo. A “sociedade contrassexual” seria um ideal em concebesse a como parte natural a existência da pluralidade de corpos e gêneros, sendo “registros abertos à disposição dos corpos falantes no âmbito de contratos consensuais temporários” (PRECIADO, 2015, p.35).

Esse rompimento é formado a partir da aproximação da teoria queer à desconstrução, afirmando que para toda construção igualitária nesta sociedade, são necessários sistemáticos rompimentos e desconstruções, uma vez que a mesma se fundamenta em um CISTema de opressões em cadeia.

Partindo da percepção de que toda essa construção segregacionista -embora seja perpetuada por recortes específicos-, é agora parte da estrutura, para além da desconstrução, faz-se necessário pensar no remontagem desta. A final, sendo parte da estrutura, até mesmo dentro do grupo dissidente, há quem possua repertório para assumir a posição de ferramenta de manutenção das sub cidadanias através da reprodução desses valores segregacionistas.

Uma vez compreendido como uma tecnologia de gênero, o urbanismo e a arquitetura precisam ser encarados de forma crítica e interseccional -conceito trazido por Lélia (somente sobrenome) Gonzalez (1979) a fim de identificar o ponto em comum, ou cruzamento, dos atravessamentos causados pela estrutura opressora aos diferentes grupos oprimidos-, a fim de ressignificar o seu papel na conjuntura social, bem como a arquitetura e todos os seus binarismos prático-conceituais. Esses postos-chaves de dissidências são elementares para o direcionamento de uma sociedade contrassexual -pautada na equivalência de corpos-sujeitos-, rompendo com os atuais estigmas sexuais.

Em 1991, Tschumi, declara seis conceitos para a arquitetura contemporânea de vanguarda. Alguns desses conceitos se interseccionam com a dialética do movimento contrassexual e com parte da presente proposta projetual.

Na procura do real prazer da arquitetura, da inesperada combinação de termos e dos estimulantes e inquietantes sentidos da vida urbana contemporânea, Tschumi afirma: não há arquitetura sem evento, como sem ação, sem atividades e sem funções. As combinações de acontecimentos e espaços estariam carregadas de capacidades subversivas, desafiando tanto a função quanto o espaço.

Insistindo em uma arquitetura do evento que poderia “eventualizar” ou abrir aquilo que, na história ou tradição, seria entendido para ser fixo, essencial, monumental. Associar o evento com a noção de choque na cultura de imagens, o choque para ser efetivo na cultura midiaticizada. Faz-se nesse evento o lugar de choque, ou esse lugar da invenção de si mesmos. Por definição, esse é o lugar da combinação das diferenças (DUARTE, 2010).

Qual intervenção urbanística que se valha para um grupo social que é a própria intervenção urbana?

A arquitetura seria capaz de criar condições que iriam tornar possível essa sociedade não hierárquica e não-tradicional, entendendo a natureza das circunstâncias contemporâneas e o processo da mídia que as acompanha, seria importante organizar estrategicamente os eventos através da arquitetura (DUARTE, 2010).

A Sobreposição põe em cheque os pragmatismos da academia, como, forma versus função, abstração versus figuração, e também das hierarquias projetuais onde a “forma segue a função” ou “o ornamento é dependente da estrutura”. É necessário confrontar os binarismos presentes na arquitetura, o pragmatismo de certos programas seguem padrões ineficientes do ponto de vista funcional, além de serem excludentes, criando não ambientes, mas situações onde é naturalizada a inspeção do gênero alheio, que para algumas pessoas vem a ser um campo de batalha onde as necessidades naturais inerente aos seres animais, podem vir a ser o motivo da sua queda ao precipício.

A fusão, confusão ou, como Tschumi nomeia, sobreposição, seria, metaforicamente, a maneira arquitetônica de descrever conceitualmente os gêneros não-binários. Simultaneamente “ambos” ou “nem um nem outro”. Os conceitos binários (homem versus mulher, ou quaisquer dicotomias programáticas citadas acima) postos em cheque sendo fundidos, confundidos ou simplesmente abandonados!

Para que então a arquitetura materialize a relação contemporânea da população transdescendente e preencha suas lacunas perpetuadas até a atualidade, a atmosfera deve ser analisada sobre os aspectos mais díspares que perpassam as necessidades latentes do público alvo.

Peter Zumthor (2009) diz que a atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. Há situações em que não podemos perder tempo a pensar se gostamos ou não de alguma coisa, se devemos ou não saltar e fugir. Existe algo em nós que comunica imediatamente conosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata (ZUMTHOR, p.12, 2009).

ZUMTHOR, elabora sobre a criação de uma atmosfera pensada, refletida em uma arquitetura intimista e silenciosa através de nove objetos que guiam a arquitetura do edifício.

Sendo a serenidade e sedução parte do despertar a atenção no espaço, não se conduz o movimento, mas a sedução acontece de forma perfeitamente natural. Conduzir, seduzir, largar, desconstrair e dar liberdade para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade (ZUMTHOR, p.44, 2009).

A arquitetura explora as percepções sensoriais que o espaço pode proporcionar aos usuários, através de materiais, luz, som, impacto visual, temperatura, e o que Zumthor chama de corpo da arquitetura. Esse conjunto de sensações bem elaboradas proporcionam uma arquitetura que abraça o usuário e comunica com suas necessidades internas.



Imagem: Cantora Liniker em performance de Gen e Zepelin de Chico Buarque no programa Amor e Sexo, rede Globo. Captura de tela pela globoplay in:<https://globoplay.globo.com/v/5695447/>. Arte: Autoral.

ANÁLISE DO SÍTIO

Mapa de mobilidade urbana

Fonte: RMT, ORG: SANTANA, Luisa, 2020.



O Centro de Goiânia abriga a maior rede de infraestrutura do município, abastecida com rede pública de água, esgoto, iluminação pública e serviços de coleta de lixo, a infraestrutura de mobilidade urbana configura-se como a mais relevante da cidade, fazendo importantes conexões com as principais vias que articula-se comunicam com bairros periféricos e municípios vizinhos, sendo o núcleo principal da relação da multipolarização sofrida pela cidade. Mesmo com esse processo em curso devido aos usos e equipamentos já consolidados o centro ainda representa um local de grandes movimentações, sobretudo pendulares, portanto a demanda sempre crescente revela a insuficiência destes equipamentos em atender satisfatoriamente toda a população.

Mapa de uso do solo

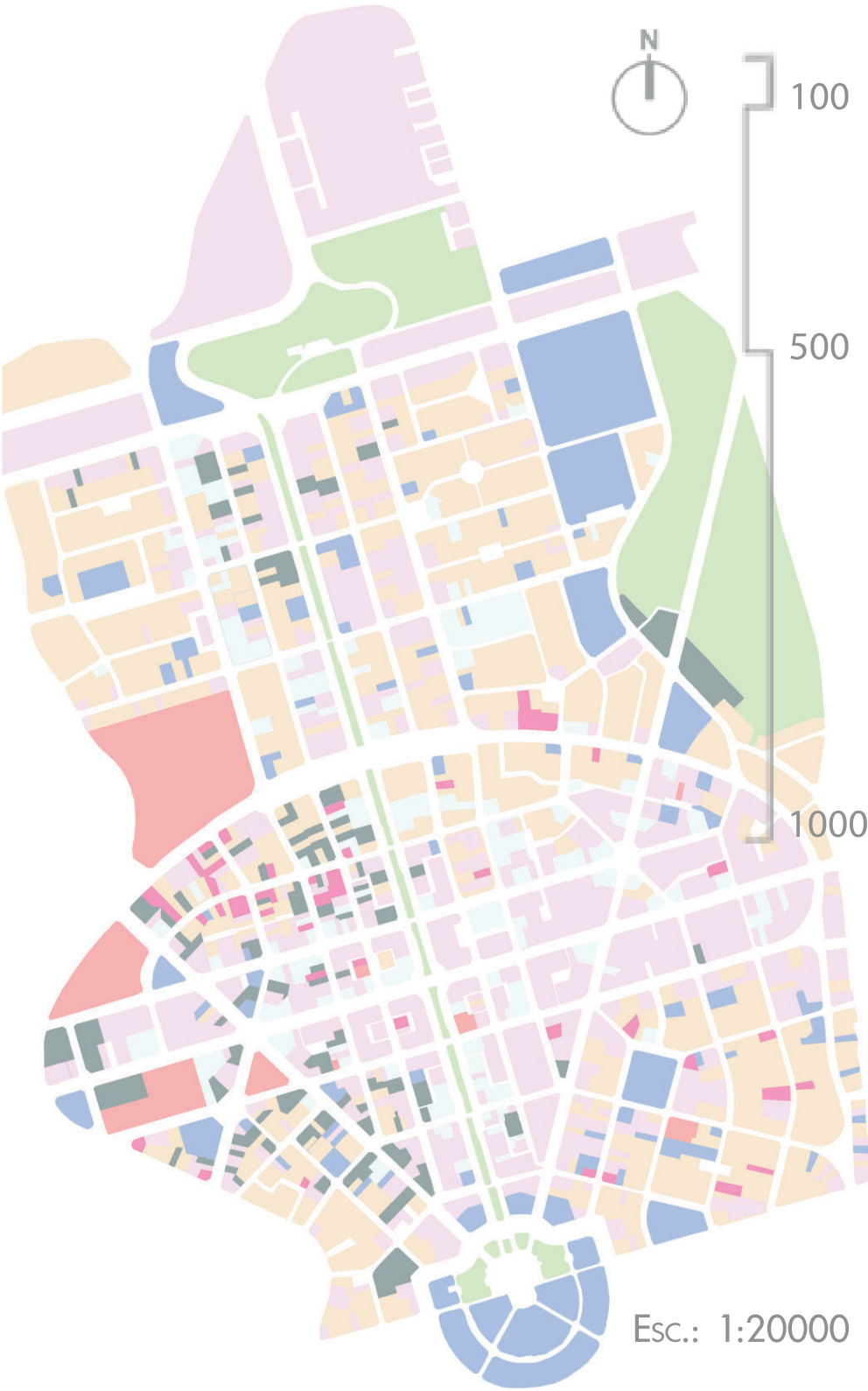
Fonte: SANTANA e GOMIDES, 2020.

O uso do solo possui grande variedade, o zoneamento, desde o plano diretor é bem expressivo quanto à concentração de determinadas atividades nas regiões -característica advinda do urbanismo normativo-, contudo, sendo o centro histórico marcado por atividades de comércio e serviço. À leste, essa tipologia pode ser identificada com predominância de usos mistos e à oeste, usos comerciais/serviço e residenciais.

As vias presentes no traçado, resultam em pontos de perigo, onde se acentuam a propensão à violências.

Os mapas tiveram referência em trabalhos prévios, revisados e atualizados conforme a configuração atual.

O acervo arquitetônico

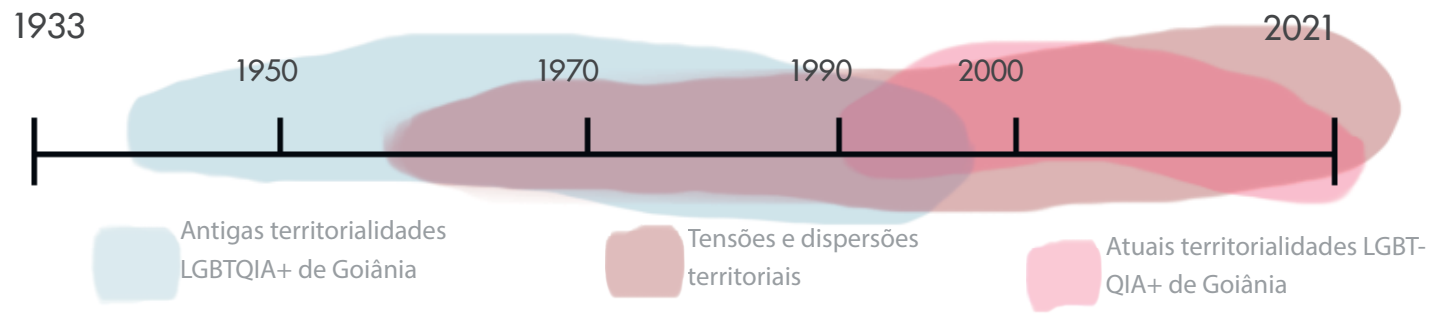


TERRITORIALIDADES TRANSDESCENDENTES EM GOIÂNIA

O mapeamento da antiga territorialidade LGBTQIA+ de Goiânia é feito através de entrevistas, e antigos blogs de ONGs e grupos LGBTQIA+ referenciados no final do trabalho. O rastreo desses elementos é representado através de manchas devido a escassez de informações concisas em termos cronológicos, etc. Como por exemplo, o bar Tachuá que existiu antes da década de 70, quando teve estabelecido seu fim com a instalação de um equipamento no seu lugar. Para tanto, levando em consideração as manchas como aspectos ocupacionais demarcam a fluidez e impermanência característica dessa população.

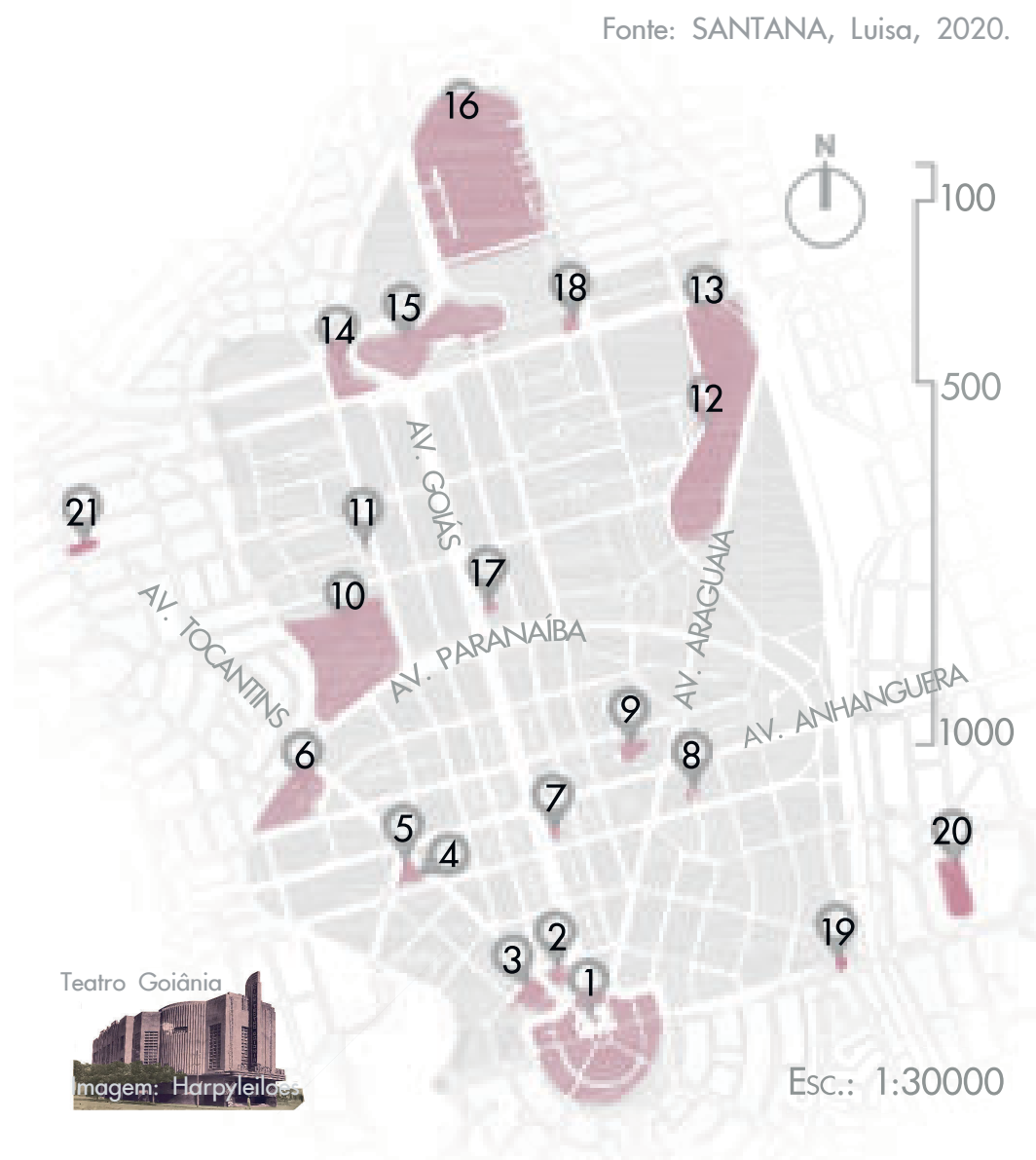
A análise das territorialidades transdescendentes de Goiânia passa por um processo, que devido à imprecisão da cronicidade causada pelo forte apagamento de sua história é compreendido, então, apartir de manchas temporais, que denotarão uma estimativa aproximada dos fatos e processos ocasionados nessas transformações territoriais.

•Manchas LGBTQIA+ e tensões aplicadas a elas na linha do tempo de Goiânia



Mapa Lugares relevantes pra cidade

Fonte: SANTANA, Luisa, 2020.



LEGENDA

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| 1__Praça cívica | 12__Mercado popular da 74 |
| 2__TRE-GO | 13__Parque mutirama |
| 3__Correios | 14__Câmara municipal |
| 4__Centro Cultural Cora Coralina | 15__Antiga estação ferroviária |
| 5__Teatro Goiânia | 16__Terminal ferroviário |
| 6__Centro de convenções | 17__REstaurante cidadão |
| 7__Grande Hotel | 18__Área de projetos sociais |
| 8__MErcado central | 19__Centro pop |
| 9__Camelódromo do centro | 20__ACCG, Hospital Araújo Jorge |
| 10__Estádio Olímpico | 21__Casa da acolhida cidaã II |

Mapa de hierarquia viária

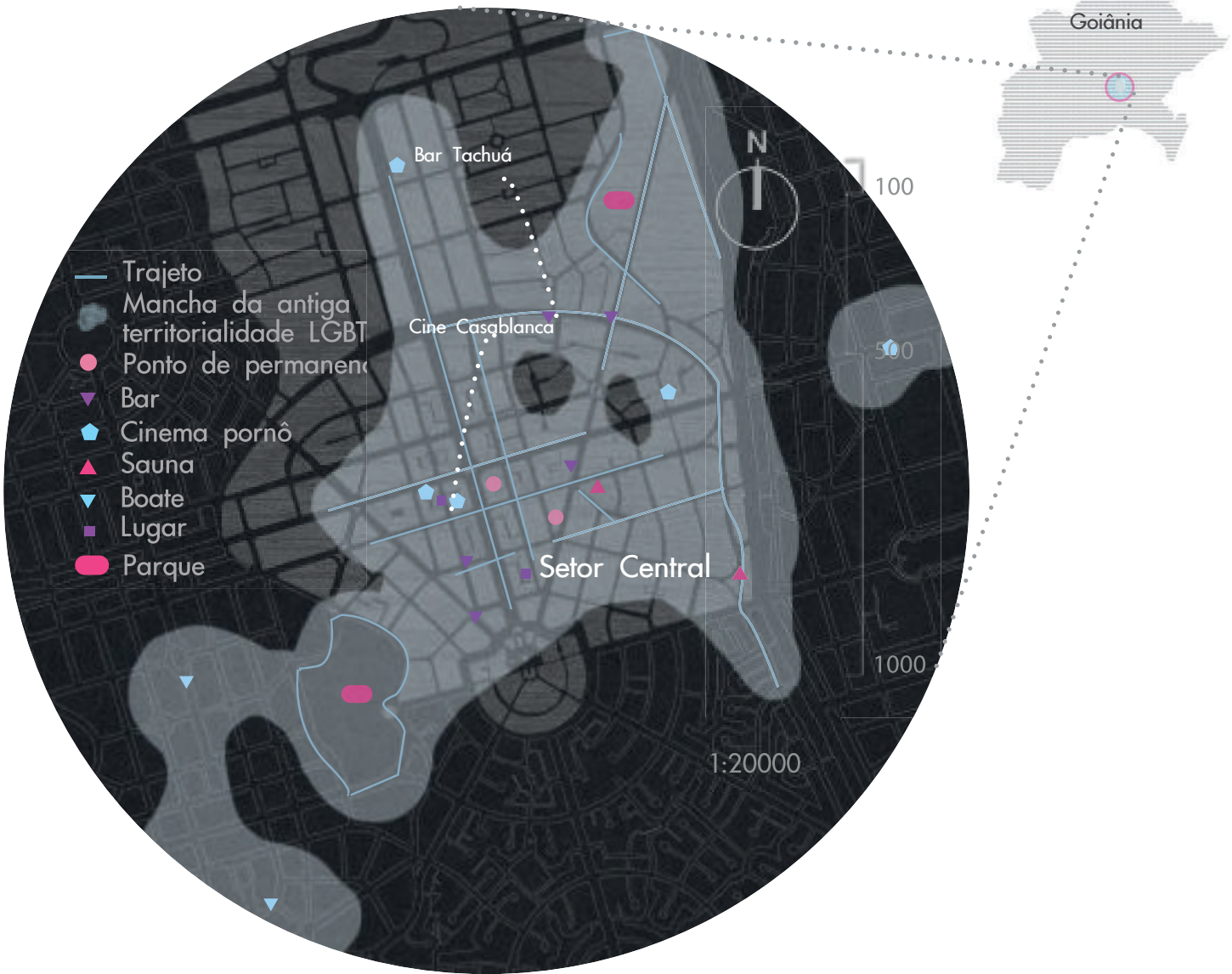
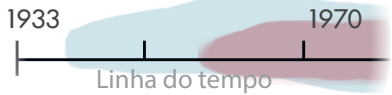
Fonte: SEPLAN, ORG: SANTANA, Luisa, 2020.



de Goiânia é considerado um dos mais significativos do Brasil, segundo o IPHAN. Comporta o maior número de patrimônios tombados da cidade, dentre várias em Art Déco, além de importantes equipamentos comerciais, institucionais e de serviços e acervo das primeiras edificações tradicionais da cidade, que denota o valor sociocultural para a cidade.

Mapa Setor Central de Goiânia: Antigas territorialidades transviadas

ORG: Autoral



A territorialidade se atenta aos aspectos imateriais ao urbanismo normativo, pelos quais um grupo se apropria e estabelece dinâmicas próprias não planejadas, pois mesmo após um logo processo de esvaziamento, essas manifestações permeiam. Os corpos falantes -como Paul Preciado ressignifica a termo “corpos abjetos”- se apropriam de espaços e regiões para formar zonas e rotas em que seja aceitável sua presença à vista (Preciado, 2015, p.15).

Em Goiânia, essa padronização de funções aplicadas à territórios socialmente contraditórios, acirra as fissuras (LEFEBVRE, 1993) presentes dentro de um sistema de produção do espaço capitalista e homogêneo. Neste sistema, são concebidas “ordens urbanísticas” atuantes na padronização de regras de uso e ocupação dos espaços, traduzidos em leis, atos e decretos, definidos a partir das relações de interesses de poder (FERNANDES, p.88, 2013).

Esse cenário promove pressões territoriais, através do que poderia ser chamado, pela perspectiva de Preciado de Tecnologias de Gênero, e desencadeia consequências como a constante dispersão de pessoas trans. Conjunminando este conceito ao urbanismo, vemos como a arquitetura e urbanismo são usados como ferramenta elementar para a construção de estigmas sociais.

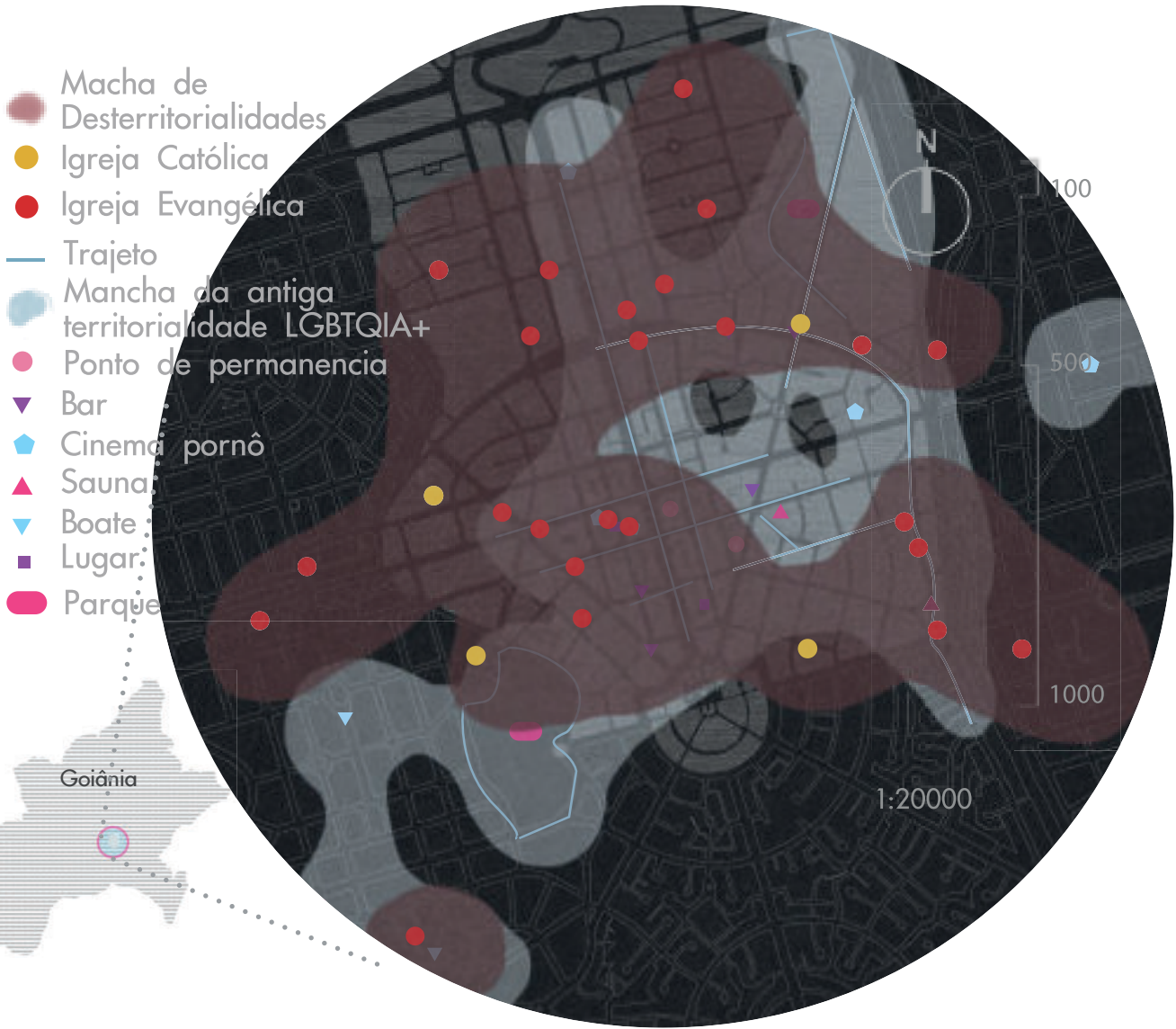
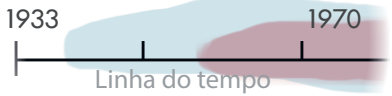
Segundo Fernandes (2021), foram incessantes reuniões dentro do ministério público, onde pessoas ligadas ao conservadorismo religioso do mesmo seguimento, e de grandes instituições, promoviam discussões defendendo que as travestis e transexuais não poderiam ficar no centro, porque não poderia haver casas e bares gays, muito menos travestis no urbanismo do centro de Goiânia. Depois desses processos essa territorialidade foi tensionada para as periferias, onde concentravam os motéis -na BR,

em Aparecida de Goiânia ou bairro São Francisco-, chamadas popularmente de “Cidades dos Motéis”. Então, o conservadorismo interfere, também urbanisticamente, usando recursos do capital, a fim de limpar a cidade do que são vistos como dissidências. Os principais eixos viários do estado revelam a relevância da mobilidade para esta população e dialogam diretamente com os aspectos de constantes migrações. Além da própria marginalização, visto que estas conectam o centro às periferias das cidades.

“A prostituição de Goiânia era no centro, Av. Paranaíba, agora fica uma instituição religiosa, onde antes era um boteco enorme, um barzão de esquina. Tinham vários bares ali, mas no outro lado da rua era o Tachuá. A ponte de prostituição acontecia por causa dos bares no local. Hoje no lugar do Tachuá é uma instituição religiosa, e onde era o outro bar, é uma loja. Os líderes religiosos fizeram questão de montar uma igreja naquele ponto onde tinha o maior bar, para acabar com todos os bares da Paranaíba. [...] O cinema **Casablanca**, por exemplo, por anos foi ali na rua 8, quando começou a ter encontro de gays para assistir filmes pornô, virou encontros de cinemas pornôs de travestis, transexuais que iam trabalhar. Estão todos sendo comprados por instituições religiosas conservadoras para tirar as pessoas da região. Eu vivi isso, eu sei! Eu sei o que é cinema pornô eu sei o que é isso.” (FERNANDES, Beth. Goiânia, março de 2021).

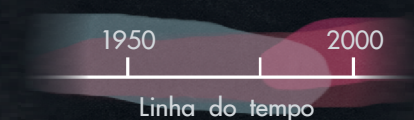
Mapa Setor Central De Goiânia: Desterritorialidades

ORG: Autoral



Mapa Goiânia e conexões viárias: Dispersão da territorialialidade transviada

ORG: Autoral



justificativa para atuações higienistas, abrindo espaço para a exploração das fissuras.

Os pontos de resistência alavancam um resquício de movimento na região através dos “usos clandestinos”, nos quais destacam-se locais em que é identificável uma possível lógica de gênero em suas ocupações (SILVA, 2020).

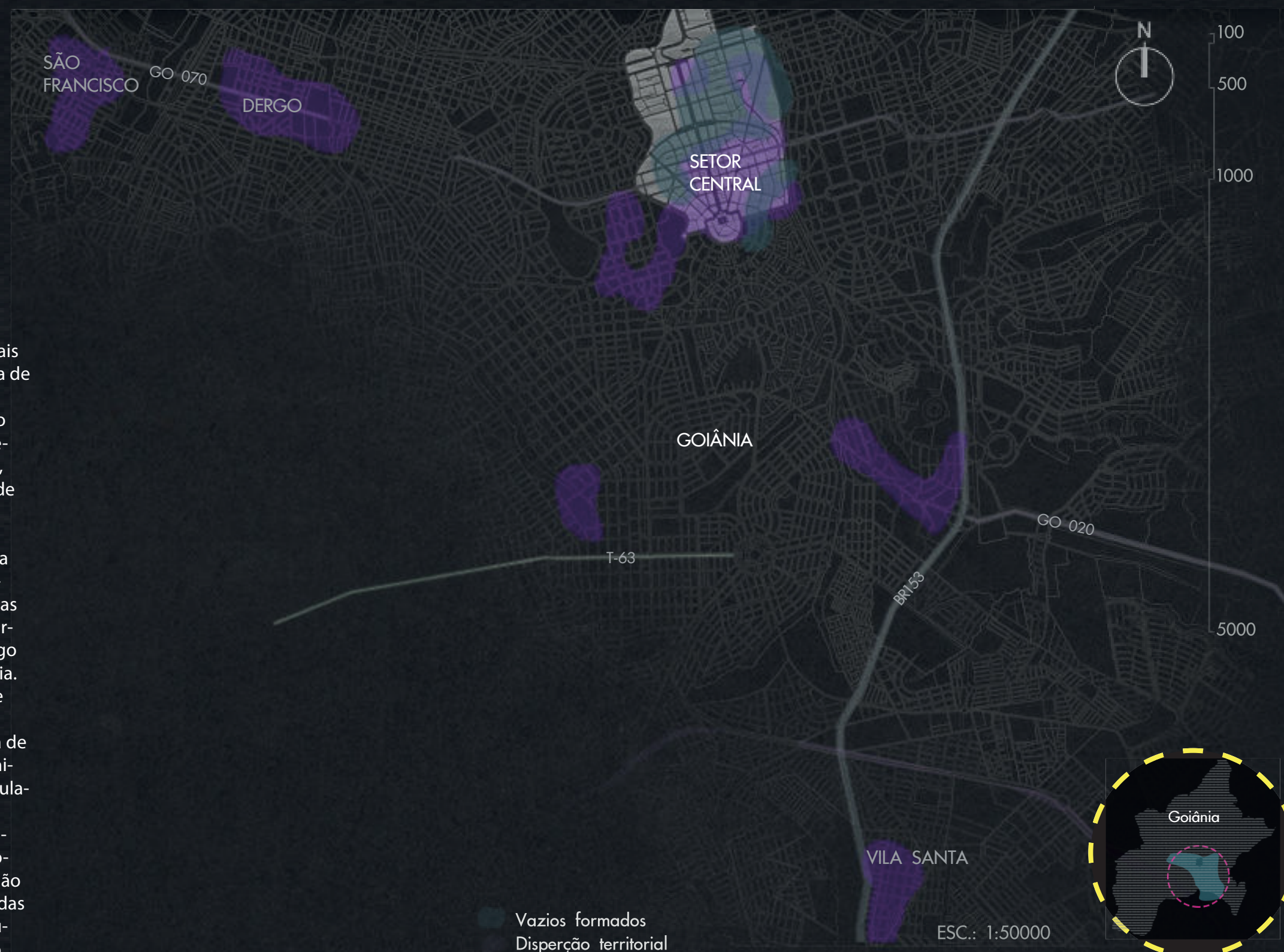
Embora presente constantes tensões territoriais e tendo impermanência como sendo seu aspecto principal, em consequência desse fator, a territorialidade trans continua a resistir, afirmar e legitimar seus espaços de aparecimento no centro de Goiânia.

Esse recorte estudado enfatiza o sistema viário e sua relação com as transformações territoriais desta população na formação da cidade de Goiânia, que parte do centro (área estudada) e se estende às tipologias atuais e, naturalmente, essas territorialidades, também estão em expansão nas periferias urbanas de Goiânia e região, como no Setor Guanabara, ao longo da avenida T-63 (Goiânia) e Garavelo em Aparecida de Goiânia.

A transitoriedade das territorialidades é definida por De Certeau (2008) como delimitador de uma cidade produzida como um espaço racionalizado, com a adoção de um sistema de repressão das resistências desafiadoras e como um sujeito universal e anônimo, passível de estaticidade, isolamento e articulação (LEMÕES, 2019, p. 3).

Localizados os polos de concentração da população dispersada através desses processos de tensões territoriais é proposta a instalação de equipamentos que atenderão cada região específica além de estabelecer comunicação entre si através das próprias dinâmicas da cultura ballroom, o resgate desta cultura é usado como uma peça urbanística, tendo como função o firmamento desta camada social sobre o aparecimento frente ao urbanismo cisnormativo. A impressão de um ponto de representação em cada ponto já estabelecido transpassa a simbologia do pertencimento, o pertencimento à cidade, o aos locais públicos, ao dia, ao aparecer, ao habitar, existir, ao lugar da humanidade. Este firmamento se estabelece à medida em que cada polo concentrado ganha um ponto de representação e aparecimento, ampliando as possibilidades e reconstruindo os imaginários populares acerca destes corpos.

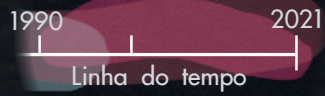
Com o levantamento levantamento pela ASTRAL-GO de



O Ballroom constitui numa cultura crucial presente em várias formações territoriais da população trans. A representação popular da cultura do baile de salão é o espetáculo: apresentações públicas para que todes possam ver. Na realidade, os bailes são realizados na calada da noite em clubes e, às vezes, em salões de baile de hotéis, muitas vezes nas noites de domingo. A hora do dia protege os membros da violência e do ridículo que os membros da comunidade podem vivenciar em espaços públicos durante o dia (BAILEY MARLON, 2021).

Mapa Goiânia e conexões viárias:
Tensões na atual formação territorial

ORG: Autoral



200 pessoas em situação de vulnerabilidade e 14% (percentual de vulnerabilidade encontrado) de 78 pessoas (amostragem total das pesquisas feitas em Goiânia), totaliza-se 211 pessoas. Somando o percentual de projeção dos fatores de migração relacionando com a escassez de equipamentos com esta destinação (sendo sabido que em vias de regra as assistências e abrigos reproduzem espaços segregacionistas para estas pessoas) e haja visto que o programa não negligenciará pessoas LGBTQIA+ cis, também comportando pessoas que não estão sendo abrigadas por ele em suas atividades, neste trabalho, para o presente cenário em Goiânia estima-se o levantamento de 250 pessoas em variadas situações de vulnerabilidade. A variação também é pensada para a prevenção de superlotações em casos atípicos como da COVID-19 em 2020, que acentuou casos de violências familiares e quadros de suicídio em decorrência das tensões e conflitos sociofamiliares.

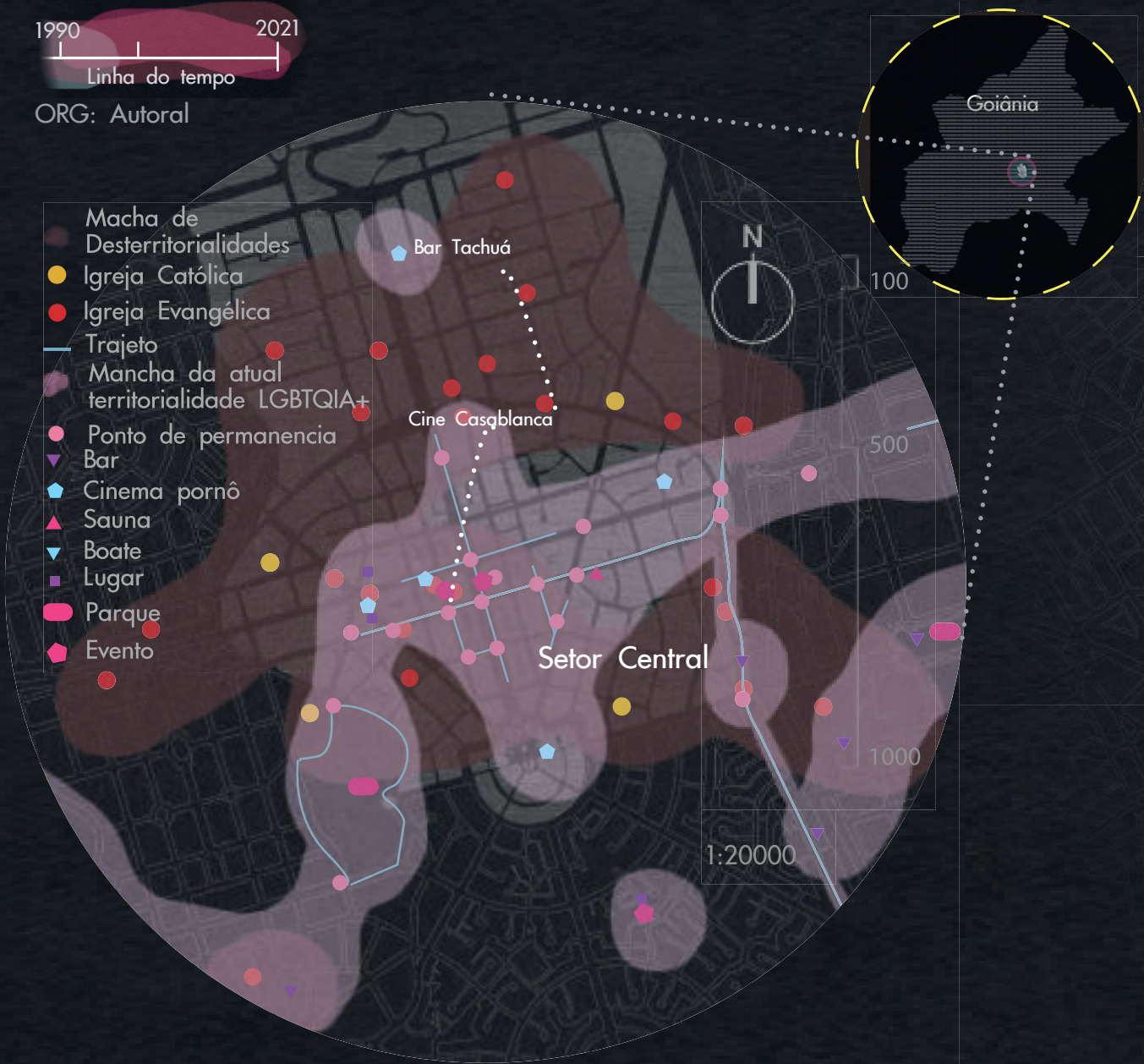
O edifício detalhado é pensado também como mediador destes eventos pela localidade, também em termos de relações de resgate, peso cultural para toda a cidade de Goiânia, aparecimento e empoderamento que a proporciona.

Logo, comporta lotação de 80 pessoas para as atividades de alojamento e o montante total levantado para a atividade de eventos do Ballroom ao qual, através desta, o projeto se propõe a instigar atividades coletivas de interações periódicas entre as instalações reafirmando o senso de pertencimento e coletividade da comunidade.

A centralização de Goiânia é revigorada dentro de uma cultura multifacetada, assim



Mapa Setor Central de Goiânia: Atual territorialidade transdescendente



como demais grandes centros urbanos, a marcação de resistência sempre foi presente no itinerário urbanístico da cidade, mesmo com as constantes tentativas de apagamento da população pelo conservadorismo cis hetero-normativo e racista.

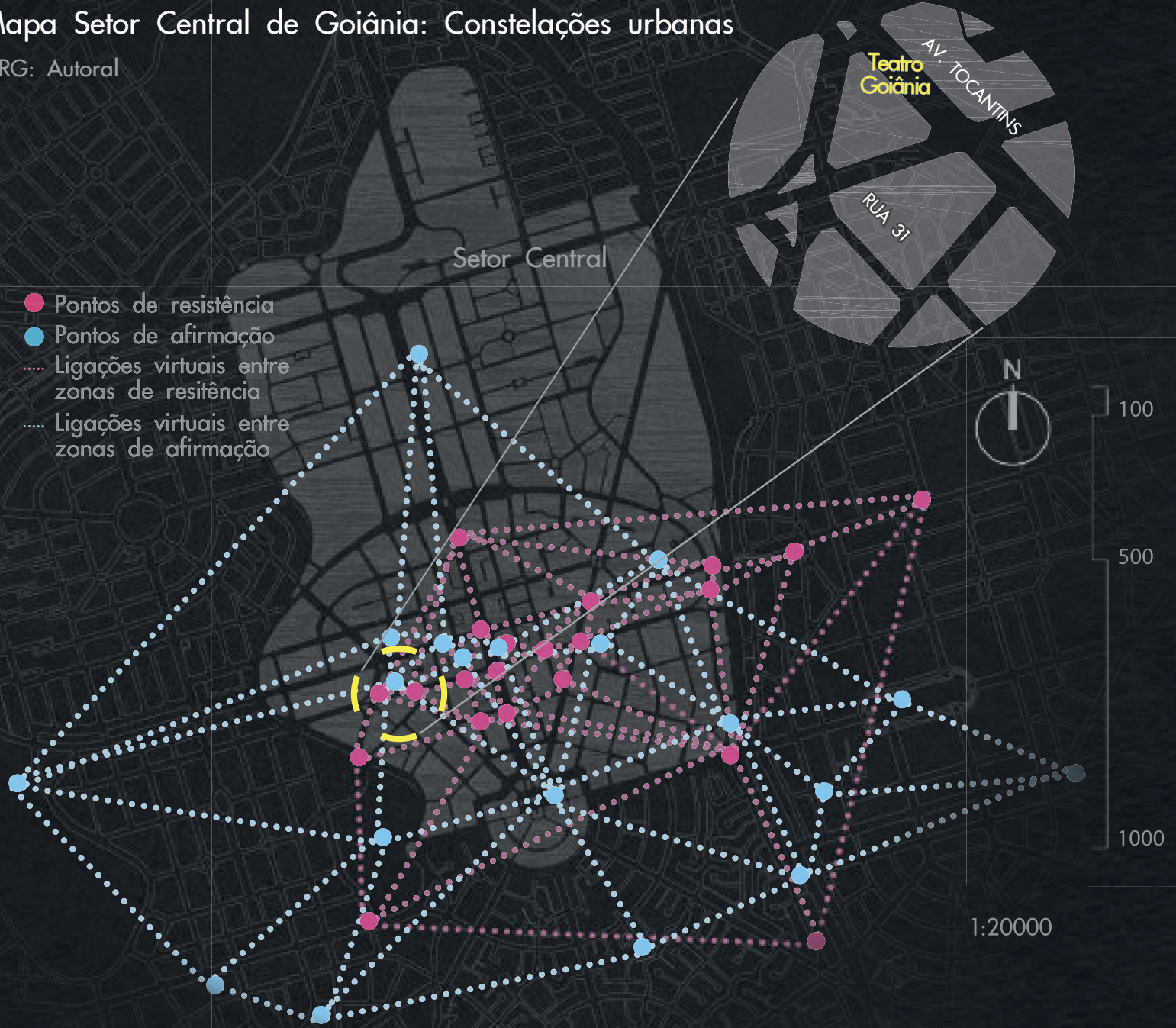
Muito se diz sobre a decadência do centro e do vazio noturno, porém o vazio físico é nada mais que o retorno de um abandono ou repulsa de determinados recortes sociais.

Um olhar externo para o que é o centro de Goiânia hoje, deve considerar a diversidade como aspecto fundamental – de pessoas, usos, territórios e fluxos (SILVA, 2020). É preciso contar a história das pessoas que resistem ao CISTema desde os primórdios da existência, mesmo que esta história não seja a mais confortável de ser ouvida, a final, tampouco foi e é “confortável” de ser vivida.

A ESCOLHA DO LOCAL

Mapa Setor Central de Goiânia: Constelações urbanas

ORG: Autoral



A atual territorialidade transdescendente de Goiânia foi subdividida entre os segmentos de afirmação - com predominância de encontros para lazer- e de resistência - com predominância de encontros sociosexuais-, a fim de refinar a análise e percepções dessas ocupações. Constatando que, embora pertençam a contextos distintos, se comunicam na cidade, legitimando seus espaços pelo fortalecimento a partir das convergências nessa distribuição espacial.

Neste estudo são representadas as ligações virtuais entre esses pontos de permanência existentes, essas ligações se relacionam mais pelos usos das mesmas do que por ligação direta, essas constelações

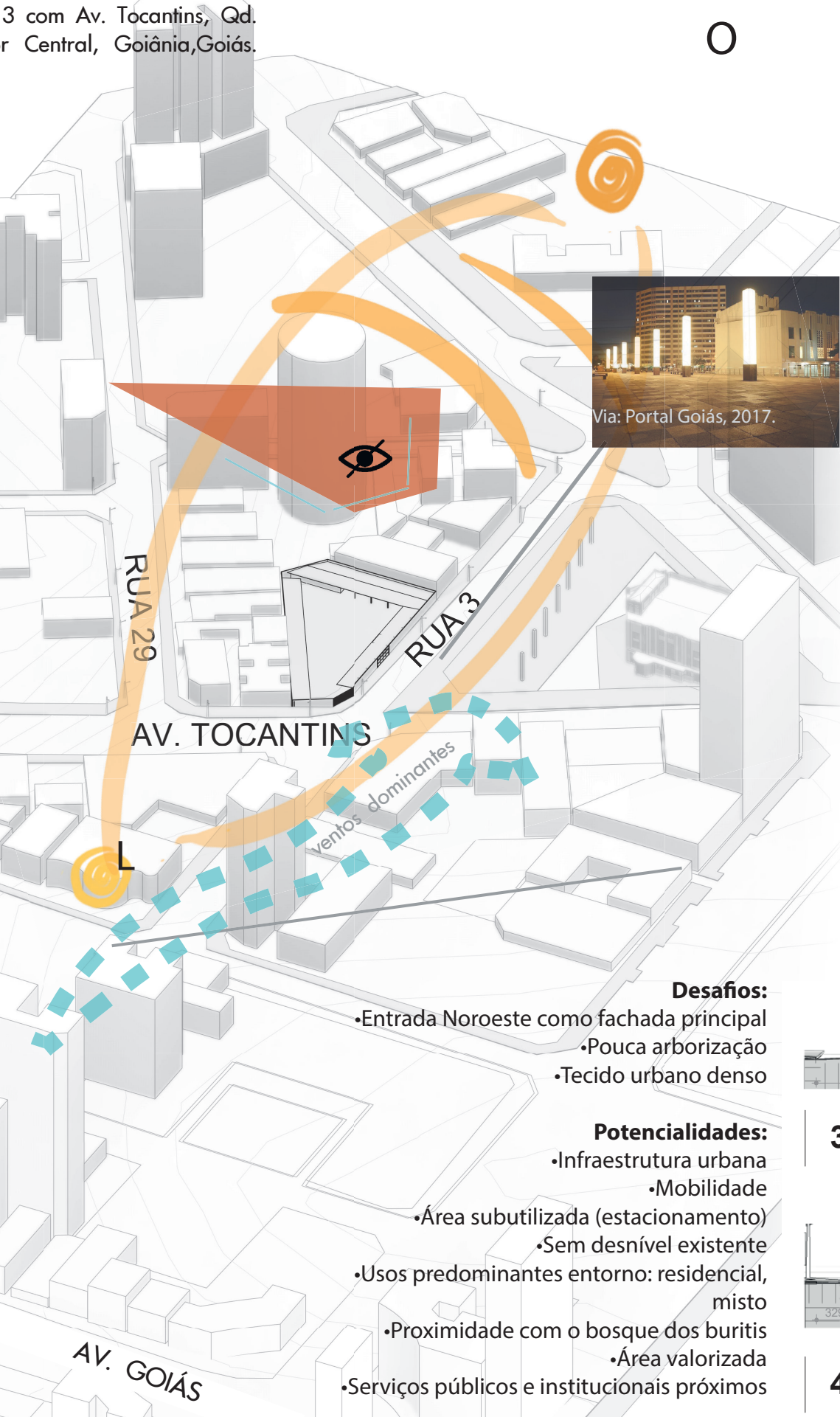
são usadas como análise de forma a compreender a densidade e zonas comunicantes dessa territorialidade estabelecida. A maior zona de intersecção acontece ao longo dos eixos da Av. Anhangüera e Rua 3 com cruzamento da Av. Goiás. Os eixos que concentram a legitimação espacial dessa população se dialogam expressivamente com os principais eixos de mobilidade, relacionando os aspectos de movimentações pendulares e da dispersão territorial para as periferias. O peso histórico desses eixos por si só já ressalta a importância da localidade para esta comunidade, bem como a potência que ela -a comunidade- exerce sobre a cidade.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

Localização: Localização: Rua 3 com Av. Tocantins, Qd. 81 Lts. 20;22;24;26/51 B. Setor Central, Goiânia, Goiás.

1 PERSPECTIVA PANORÂMICA S. ESCALA

O Teatro Goiânia é um patrimônio histórico de Goiânia e também ponto referencial para vários eventos populares alternativos, desde o Goiânia Ouro às atrações, exposições artísticas e feiras sediadas na Vila Cultural Cora Coralina, que fica abaixo e atrás do Teatro Goiânia. A região é abrangida num raio de 300m pelo maior núcleo de concentração da constelação das territorialidades transviadas de Goiânia, e se relacionando diretamente com a Rua 3 que possui memória histórica para população trans de Goiânia, onde, na rua do Lazer, abrigou o Cine Casablanca e o Hotel Del Rey, principais pontos no séc XX e é localizada num em 4 lotes subutilizados onde atualmente encontra-se em funcionamento um estacionamento, conferindo exequibilidade econômica ao projeto. A escolha da área de intervenção é feita pensando primordialmente no impacto sociocultural que a instalação virá promover tanto para a cidade como para as proximidades. Considerado um polo positivo (lugares atrativos) para a população trans goiana, a região reflete esse valor em potência simbólica pra cidade, então, a fim de usar dessa representatividade conceitual pra essas territorialidades através de uma instalação de caráter institucional e demais aspectos morfológicos como da infraestrutura e acesso à equipamentos urbanos essenciais de educação, saúde e segurança, é selecionada a área de intervenção.



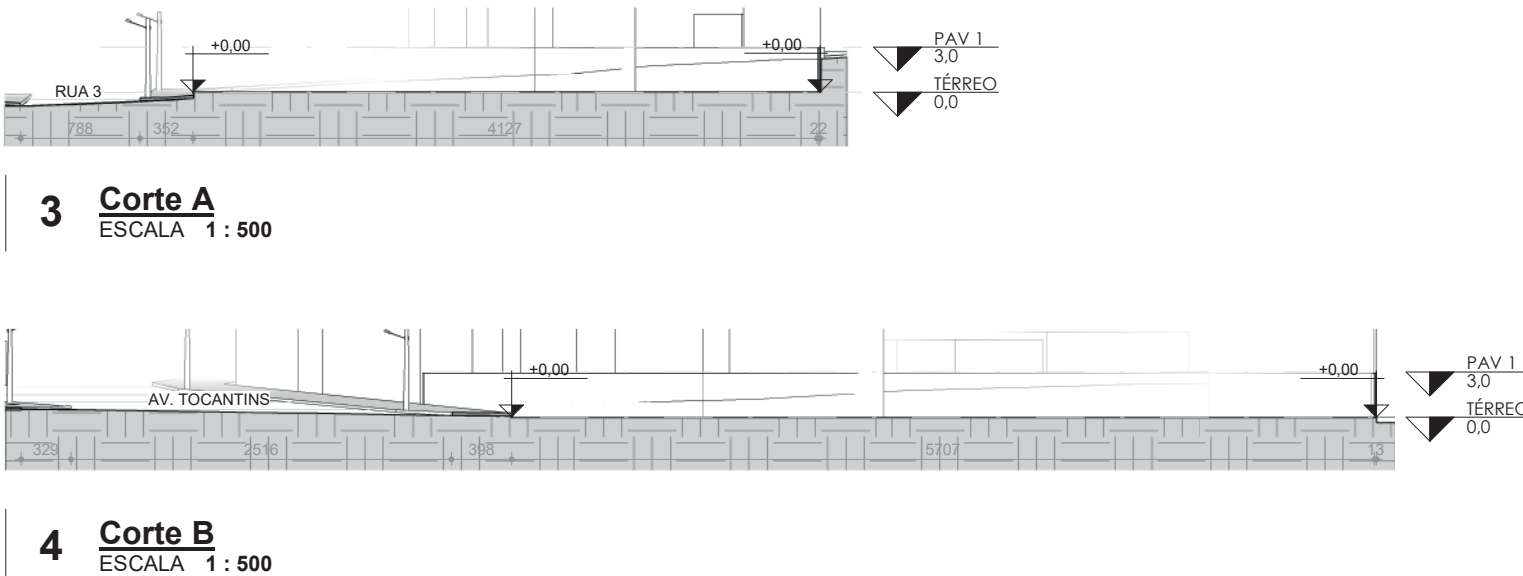
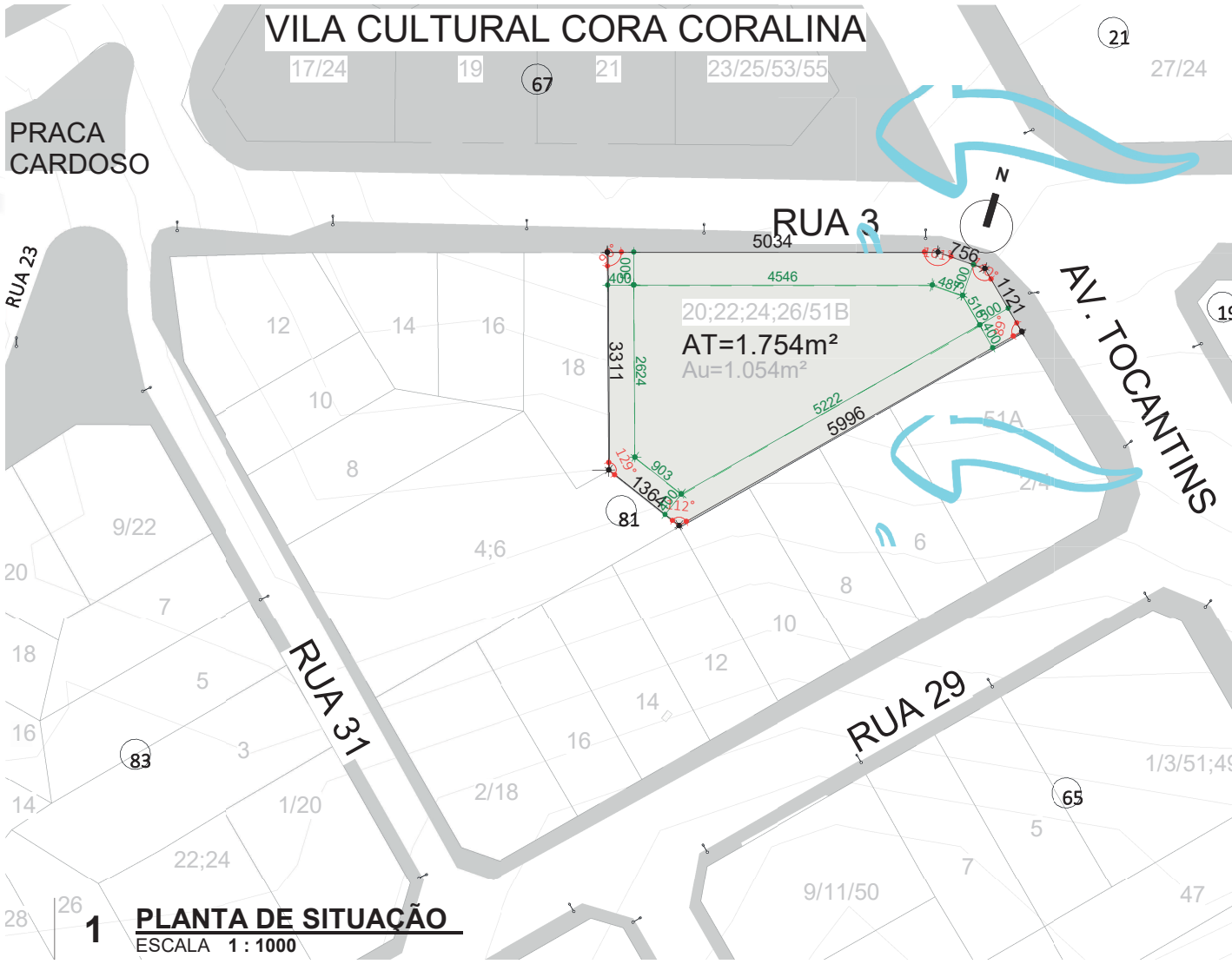
Desafios:

- Entrada Noroeste como fachada principal
- Pouca arborização
- Tecido urbano denso

Potencialidades:

- Infraestrutura urbana
- Mobilidade
- Área subutilizada (estacionamento)
- Sem desnível existente
- Usos predominantes entorno: residencial, misto
- Proximidade com o bosque dos buritis
- Área valorizada
- Serviços públicos e institucionais próximos

ASPECTOS MORFOLÓGICOS



PROGRAMA DE NECESSIDADES

O dimensionamento é feito com base nas porcentagens encontradas nas pesquisas e cálculos de dimensões por população e no dimensionamento dos equipamentos necessários para cada ambiente, além de ser levado em conta a Norma Técnica de acessibilidade NBR9050 e do sistema de desenho universal.

	Zona	Ambientes	atividade	cálculo	equipamentos	pop	m² / pessoa	Área estimada (m²)	Qtd	Área x quantidade (m²)	Pré-dimensionamento (m²)	%	Área Técnica (+30%) (m²)	Pré-dimensionamento + AT 30%	Total (m²)	Total U + AT (30%) (m²)	TOTAL %	
Empoderamento	Emp ativo	Ambulatório	Prestação de assistência em regime de não internação	5% de 80 =4 + 1 func.	Cadeiras, mesa, espaço para armazenar equipamentos de socorro	2	5	10	1	10	20,3	1,0	6,1	26,4	1025,9	1334	50	
			1 wc com chuveiro/ cd 2 p	Banheiro	1	5,2	5,2	2	10,3									
		Salas de serviços	Vender, prestar serviços	rotativo + 2 func.	Balcão de atendimento, armário, estantes e depósito, lavabo	3	3	9	5	43	60	2,9	18	77				
		Área de convivência	Socializar, sentar, esperar, etc	180	Bancos, palco de sarau aberto	180	1,0	180	1	180	180	8,7	54,0	234				
		Horta comunitária		1m²/pessoa	30%*80	56	1	56	1	56	56	2,7	16,8	73				
		Refeitório	Comer, socializar	16,8m²/16pessoas	Mesa, cadeira, balão de servir, Estação de lavar	180	1	189	1	189	282	13,6	84,5	366				
			1/ cada 20 pessoas =9	Lavabo	1	3,3	3	9	30									
		Cozinha	Preparo de comida, Lavar louças, Servir	0,25 m²/pessoa	Estoque de alimentos, distribuição das refeições, centros de preparação, pia, casa de gás	250	0,25	62,5	1	62,5	428	20,8	128,5	557				
	Emp sereno	Galeria/Ballroom	Expor, dançar,	1,5 m²/pessoa	Banheiro, vestiário, salão de dança, NT11, PD.min 4m	250	1,5	375	1	375								
		Ateliê Costura	Costurar, guardar roupas e tecidos	1/ cada 20 pessoas = 13 (75%*200)+(24%*80)=170/2=85p	Lavabo	1	3	3	13	43								
					Área de costura, camarim (roupeiro), dispensa	5	2	10	1	10								
		Ateliê Arte	Pintar, guardar materiais de pintura e telas	(75%*200)+(24%*80)=170/2=85p	Mesas, cavaletes, armarios	5	2	10	1	10	10	0,5	3,0	13				
		Atendimento psicológico	Atendimento psicológico aberto também a famílias	85%x80=68/5dias=14/12=2 pessoas. 12 atendimentos / dia	Armário, poltronas, divã, recepção, lavabo	3	4	12	2	24	30,7	1,5	9,2	39,9				
					Lavabo	1	3,3	3,3	2	6,7								
		Biblioteca	Estudar, ler, sentar	2m²/pessoa	Estantes, mesas, cadeiras, puff, bebedouro	80	2	160	1	160	165,3	8,0	49,6	215				
																1/ cada 50 pessoas	Lavabo	1
		Acolhimento	Administração	Registro	6 func. + unidade alojamento longo prazo	Escritório, Copa, Dormitório, Banheiro	6	3	18	1	18	18	0,9	5,4	23,4	831	1080	40
			DML	Depósito de material de limpeza		Estante, armário	1	2,00	2,0	1	2,0	5	0,2	1,44	6			
Bagageiro	Guardar malas		0,07m²/ 2pessoas= 6,3²	Armário	80	0,04	2,8	1	2,8									
Roupario	Armazenar roupas e doações de roupas			Sapateira e Arara	3	1	3	1	3	3	0,1	0,9	3,9					
Lavanderia	Lavar e passar roupa		18 MDL, 11MDS	DML, estantes e balcões	80	0,21	17	1	17	17	0,8	5,1	22,1					
PetSpace	Alojamento de cães e gatos		57% caes 55% gatos. Para 77% da pop.	1 canil coletivo p animais que gestam, 1 canil coletivo p animais que não gestam	43	2	85,6	1	85,6	85,6	4,1	25,7	111,2					
Sala de estar	Ver filmes em conjunto, socializar		1m²/pessoa	Sofá, televisão, puff, minicopa	80	1	80	1	80	87	4,2	26,0	113					
Alojamento de longo prazo	Dormir, trocar de roupa, maquiar		20% de 80 pessoas	Cama, armário, banheiro, cozinha	16	17,5	280	1	280	616	29,9	184,8	800,8					
Alojamento de médio prazo	Dormir, trocar de roupa, maquiar		60% de 80 pessoas	Beliche, armário, banheiro	48	6	288	1	288									
Alojamento de curto prazo	Dormir, trocar de roupa, maquiar		15% de 80 pessoas	Beliche, armário, banheiro	12	4	48	1	48									
Área Técnica	Lavabo Pcd	Necessidades fisiológicas e higiene das mãos	1,73x1,93m	Pia, bacia sanitária, barras, lixeira	1	3,34	3,34	1	103,5	103,5	5,0	31,1	134,6		5			
	Banheiro Pcd	Necessidades fisiológicas e higiene pessoal	1,93x2,68m	Pia, bacia sanitária, barras, lixeira, chuveiro	1	5,17	5,17	1	432,2	432,2	21,0	129,7	561,9		21			
	Caixa d'água		50.000L					2										
	Gerador de energia			~2,73x1,09m				3	1									
		TOTAL										2062,9	100,0	251,5	2681,8		2682	100

DIRETRIZES PROJETOAIS

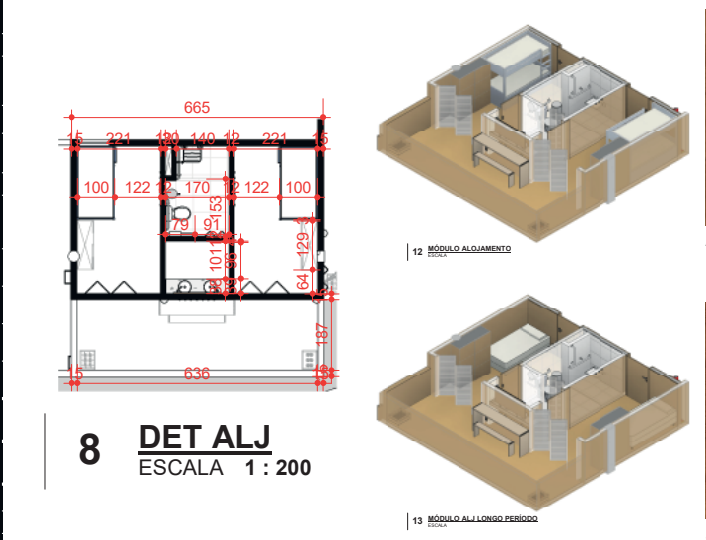
FIRMAMENTO VS SEDUÇÃO

O edifício se propõe a uma atmosfera intimista, imponente, que transpasse o empoderamento e firmamento da comunidade ali acolhida e que ao mesmo tempo desperta uma curiosidade sedutora em quem o vê, intimida e surpreende envolvendo as pessoas que ultrapassaram essa barreira pessoal. Desta forma, o edifício se propõe um dinamismo único em que traduz uma imagética social de como são compreendidos esses corpos ao passo que propõe através de si próprio o empoderamento, visibilidade e exaltação deles através de paredes, vazios, cheios, luzes, sombras, sons, texturas e cores.

O programa é distribuído entre as seguintes zonas e suas atmosferas desejadas:

- Acolhimento: Atmosfera intimista e silenciosa, sensação de amparo e pertencimento.
- Empoderamento: Atmosfera estimulante, movimento, criativa, disparidade entre o silêncio e o caos é o diálogo entre as personalidades, cargas, potencialidades e as necessidades, feridas latentes dessa população.

Integração: Atmosfera que de transferência entre as atmosferas acima, variando de acordo com cada ambiente específico e suas atividades propostas. No setor de Integração são fornecidos serviços de assistências gratuitos, atendimento em tempo integral, quanto a necessidades específicas de pessoas trans em situação de vulnerabilidade, além de um espaço calculado pelos percentuais de demanda e

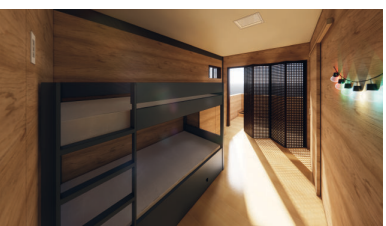


de um cronograma levantado para fornecimento de espaço para prestação de serviços e venda de mercadorias para incentivo à autonomia econômica.

Já a parte de acolhimento são pensados os alojamentos que subdividem-se pelo tempo de passagem, sendo esses:

- Alojamento de curto prazo: Voltado às pessoas que estão de passagem curta de aproximadamente 2 semanas, exemplo: casos emergenciais, de direcionamentos etc.
- Alojamento de médio prazo: Para pessoas que permanecerão a médio prazo, trazendo maior relação com o edifício e proximidade com as atividades de triagem do programa, portanto, a maior parcela.
- Alojamento de longo prazo: Trazendo a realidade de pessoas que por motivos adversos não têm condições de finalizar o programa de forma autônoma, sendo esses espaços pensados com maior conforto e privacidade.

A serenidade e sedução são parte do despertar a atenção no espaço ZUMTHOR (2009), a caminhabilidade não deve ser conduzida, porém acontecer de forma natural, e descontraída. Desta forma, a embora as atividades possuam ordem de sentido não se enrijecem à uma lógica fixa de fluxos, além disso o programa propõe a integração e interação entre participantes da triagem, como de pessoas de fora e visitantes, tanto para fins de estímulos das relações externas com a comunidade como de reinserção social e afins.



Alojamento



Sala de estar

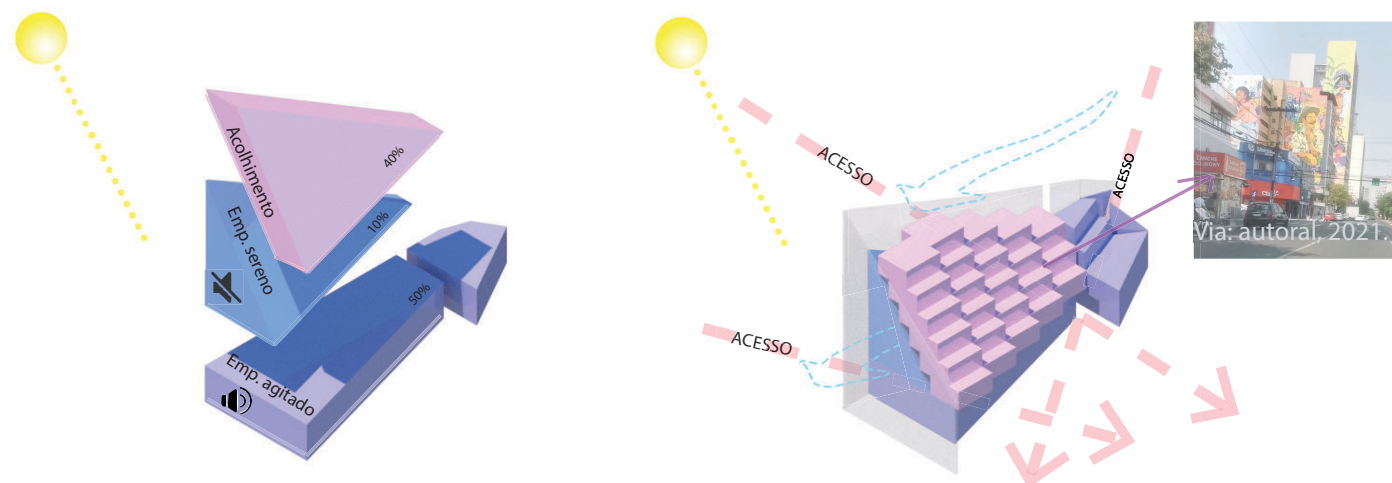


Suíte americana

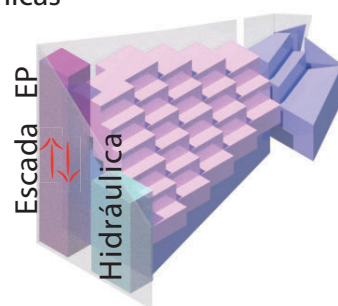


Area de Serviço

Setorização



Comunicação vertical de áreas técnicas



Os três setores são traduzidos pelas atividades desempenhadas, em busca da relação do conforto acústico/privacidade/praticidade e estímulo/movimento, são atribuídas estas relações para cada tipologia de atividades e a relação de espaços públicos/privados, assim, trazendo um critério de espacialidade no edifício em como a relação entre esses setores.

Para a apropriação do terreno as zonas de Empoderamento de integração foram unidas numa só. A ideia é não verticalizar muito a edificação, então para alcançar uma boa apropriação que comportasse bem o terreno e dialogasse com a proposta de caráter imponente do projeto, unindo o caráter conceitual ao levantamento natural do local, a parte densa foi trazida para a fachada frontal da Rua 3.

A fachada principal é a mais prejudicada em termos de insolação, resolvendo essa questão térmica e também dos aspectos visuais de cada unidade de alojamento a volumetria foi inclinada como um pódio. Os ambientes, passam a se dialogar conforme as necessidades de conforto acústico, logo, a zona de Empoderamento de cor mais escura representa as atividades com mais ruídos, por tanto com menos proximidade dos alojamentos.

A sobreposição de usos favorece ventilação cruzada, conforto visual, e a distribuição de atividades na parte interior da estrutura. E um corredor para as circulações verticais que também farão as principais conexões elétricas e hidráulicas prediais. A casca surge como uma composição volumétrica final, representando um elemento poroso para proteção solar e também representando a atmosfera de impacto, e instigação, ao passo que cumpre o papel de proporcionar conforto térmico à edificação. O elemento apresenta sobriedade geométrica o que não gera atrito visual com a Art Decô do Teatro Goiânia, enquanto também se impõe visualmente, com uma objetividade instigante. As entradas se dão através das grandes fendas de aberturas na fachada que exaltam a dimensão da edificação em relação à escala humana, provocando esta atmosfera intimista a qual o edifício se compromete.

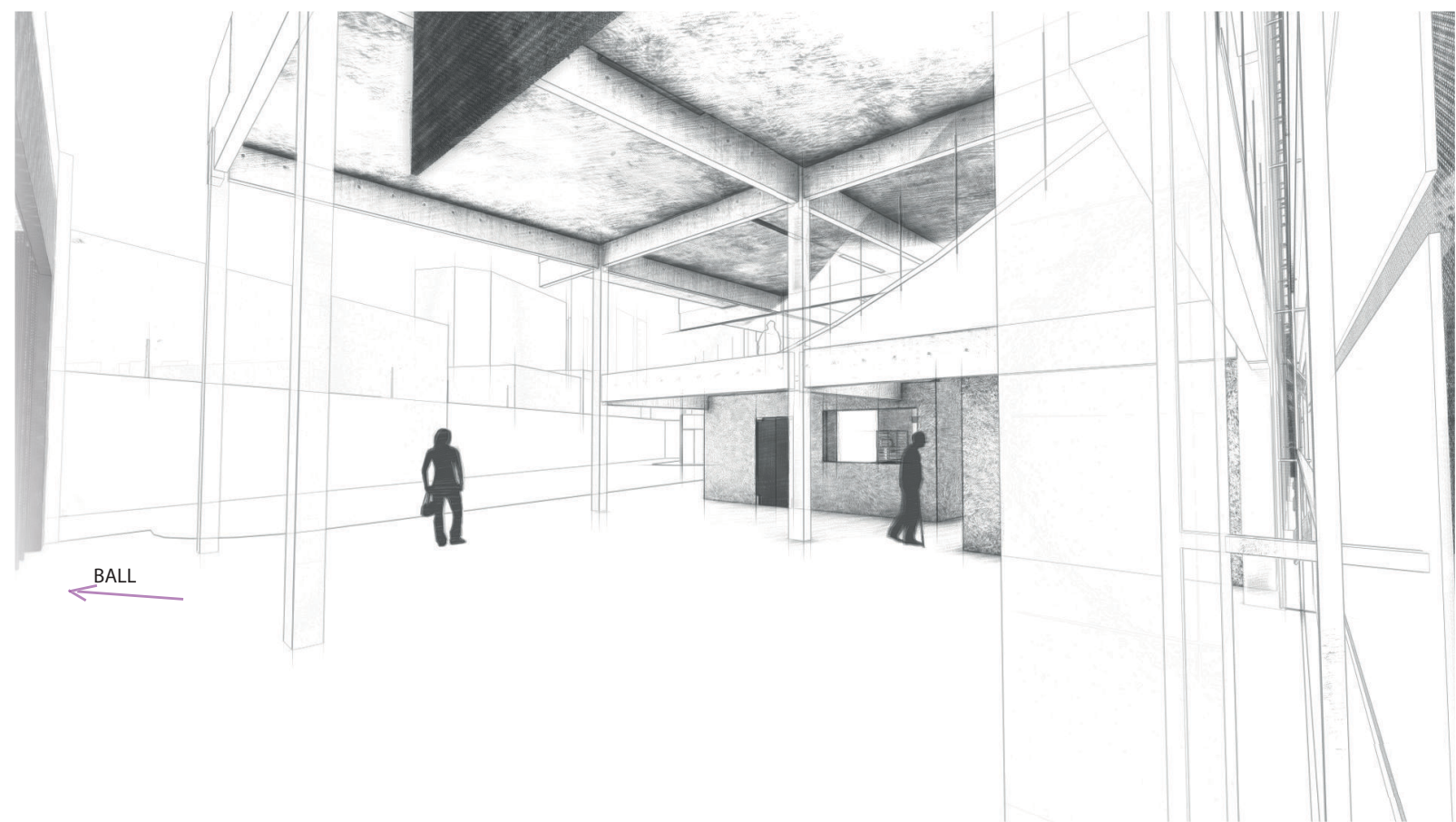
ESPACIALIDADE

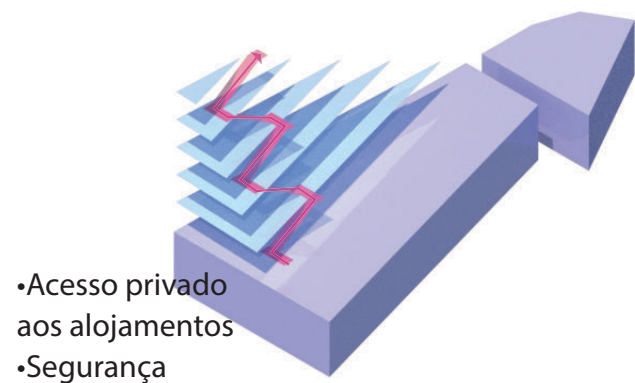
A zona de atividades mais sonoras é trabalhada pela sua própria dinamicidade a favor da promoção de interação e integração entre as pessoas, sendo o pavimento térreo uma área de fusão entre os espaços públicos e privados. A filosofia por detrás da proposta visa o reforço da presença de corpos transgêneros enquanto sua própria afirmação e apropriação territorial, para tanto as atividades são compreendidas de modo a despertar esta interação e vínculo entre o interno e externo, de modo que tanto, quem é abrigado no espaço esteja em constante estímulo de ocupar os espaços públicos como das pessoas também se sentirem bem vindas a estabelecerem vínculos para com essa comunidade.

Este dinamismo é o ponto onde a Sedução apontada por ZUMTHOR e a desprogramação de Tschumi se colidem em uma nova proposta projetual e conceitual, a fim de atender uma necessidade específica ainda não contemplada em teoria ou prática.

A cozinha e refeitório foram pontos chave para a zona de atividades mais sonoras, onde se estabeleceu elementar o diálogo com direto com o ballroom para fins de possível integração de ambientes em eventuais ocasiões onde fossem necessários, mais espaços, e ou utilização da estrutura de preparo de alimentos para coquetéis, eventos, e afins, sendo assim, a cozinha calculada para atender as necessidades tanto do refeitório como do ballroom. Além de ter sido pensado todo um cronograma de atividades para cursos de capacitação que o próprio programa fornecerá para as pessoas trans que fizerem parte, nos intervalos das refeições fornecidas para a instituição e havendo a possibilidade de eventos, feiras e food trucks que poderão vir a fazer parte do setor de Integração na parte de serviços, onde são fornecidas salas comerciais para as pessoas venderem seus trabalhos e prestarem seus serviços.

Não somente em Goiânia, mas em todo Brasil são consideráveis os números de iniciativas de projetos sociais voltados para comunidade LGBTQIA+, em sua grande maioria não possuem estrutura, por falta de apoio governamentais, para tanto o edifício trabalha a ideia de espaços articuladores com usos flexíveis sendo esses de maiores fluxos de atividades para receber atividades de extensão e projetos, como os presentes na cidade de Goiânia a exemplo do projeto Prepara Trans, Projeto Farol, Levanta Trans (uma iniciativa ainda bem recente advinda deste mesmo projeto), Astral-Go, Closet Certo (SP), dentre outras atividades e parcerias que surgirão e que apropriarão destes espaços, que proverão a maior adaptabilidade possível.

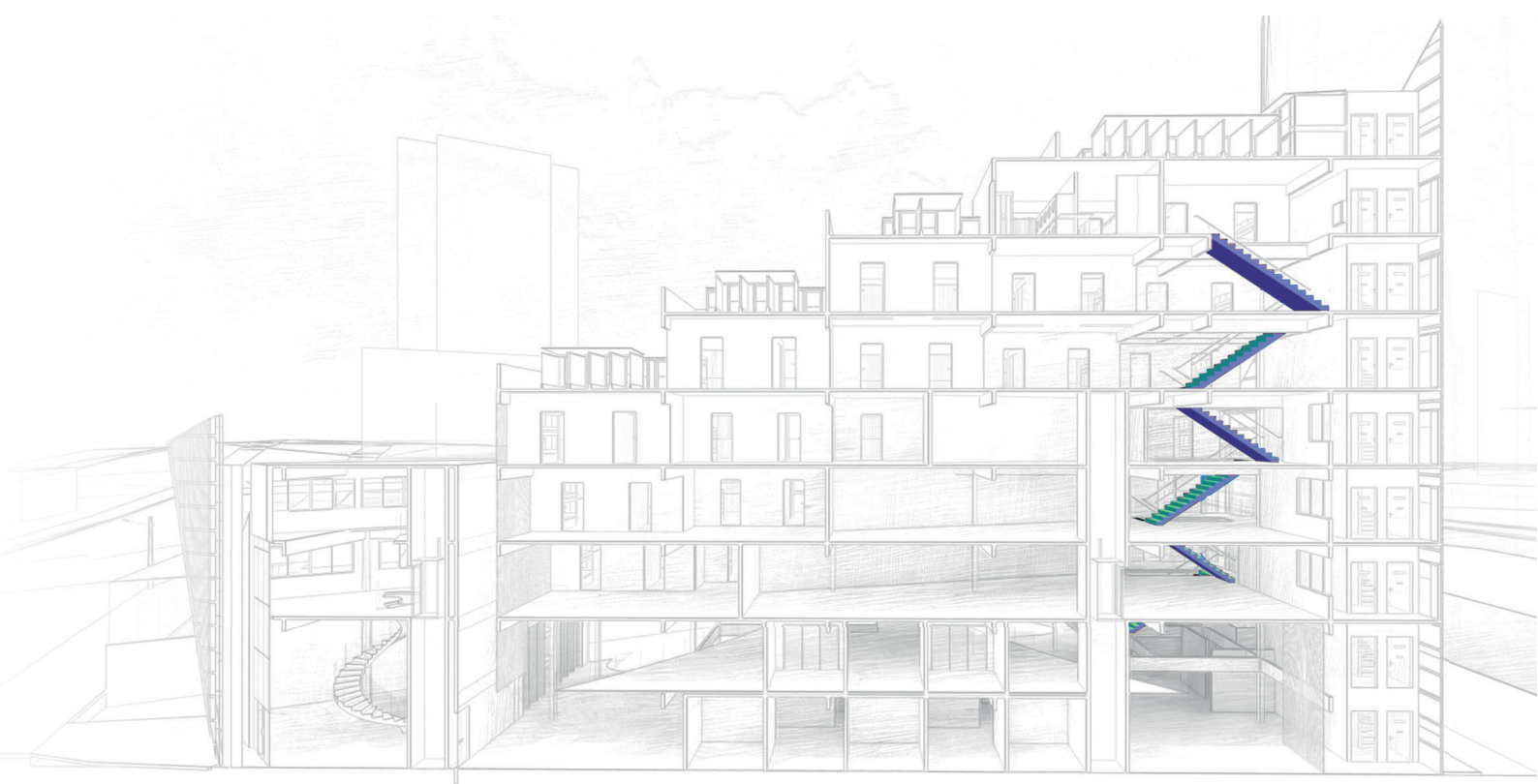




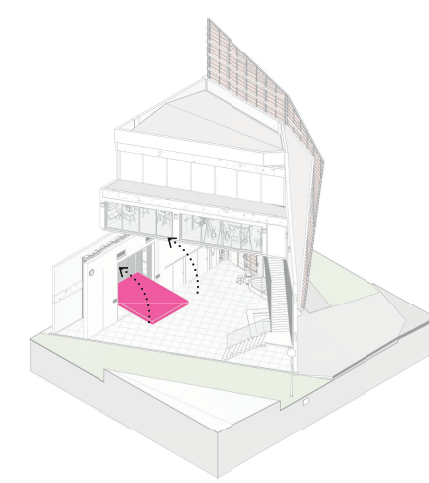
- Acesso privado aos alojamentos
- Segurança

O projeto estimula a interação interna/externa em todo seu conceito ao passo que tem como alicerce o foco em acolhimento das pessoas transgênero, para tal afirmação projetual, as circulações verticais permitem maior autonomia das próprias pessoas que se abrigarão no espaço, trazendo uma circulação vertical exclusiva para o uso privado e flexibilizando os acessos em todos os pavimentos em que há encontro de usos, a fim de contemplar as Normas Técnicas do Corpo de Bombeiros NT11 e ainda estimular essa integração entre o público privado e as moviemações pendulares ocorrentes na edificação, trazendo maior sensação de segurança às pessoas abrigadas e estimulando-as a usar do espaço.

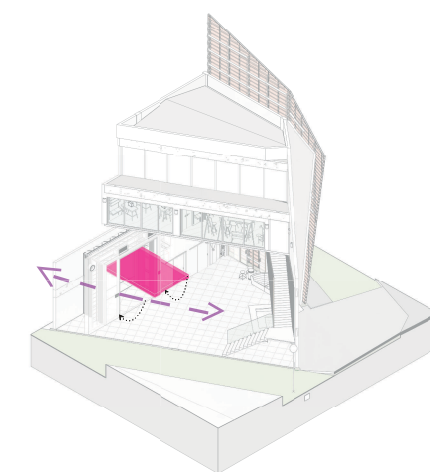
Os elementos deste pilar projetual também entram em diálogo com a atmosfera proposta ao lugar, que também é expresso por meio da escolha de materiais, e espaçabilidades.



BALLROOM



8 DET BALLROOM ESCALA



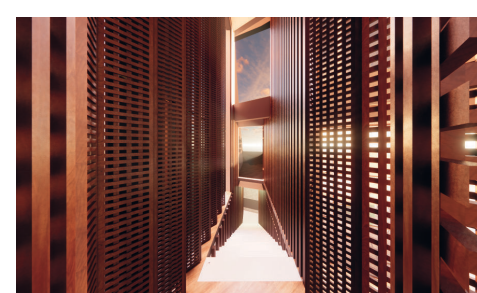
15 DET BALLROOM 1 ESCALA

A flexibilidade do espaço se vê presente na percepção da apropriação do mesmo pelos acontecimentos no lugar, a fim de demarcar o impacto do empoderamento da comunidade, por meio do seu resgate histórico, o Ballroom traz através a simbologia do aparecimento (palco) a liberdade e autonomia dessas pessoas, compondo um ambiente empoderador, flexível, e integrador. Além de denotar a sua expansividade e surpresa por meio do projeto.

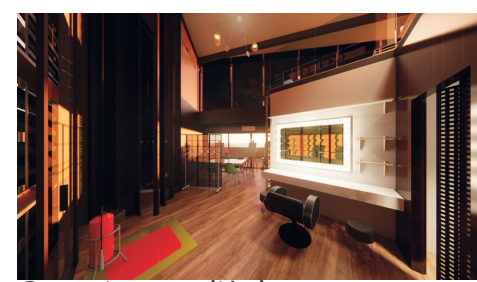
Trazendo a atmosfera e imprevisibilidade da arquitetura em diálogo da proposta conceitual de reafirmar e empoderar a comunidade.

As atividades vinculadas à arte e demais expressões dialogam diretamente com o Ballroom, expressando através da atmosfera a relação de firmamento dessa população, a importância de dá por meio da sedução da morfologia que se propõe a aproximar a comunidade da cidade com a edificação.

O ateliê de costura atende à necessidade de conforto acústico ao passo que mantém o arejamento e iluminação do local. Todos os três usos dividem uma suíte americana com chuveiro, para atender a dinamicidade dos usos, além de um trocador para o Camarim.



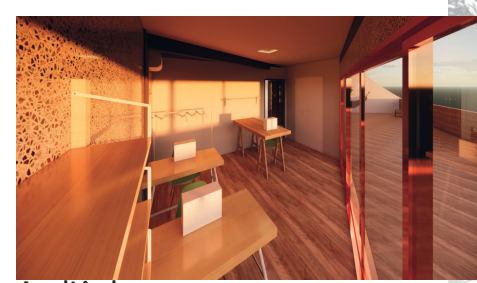
Acesso ao Ballroom
•Atmosfera



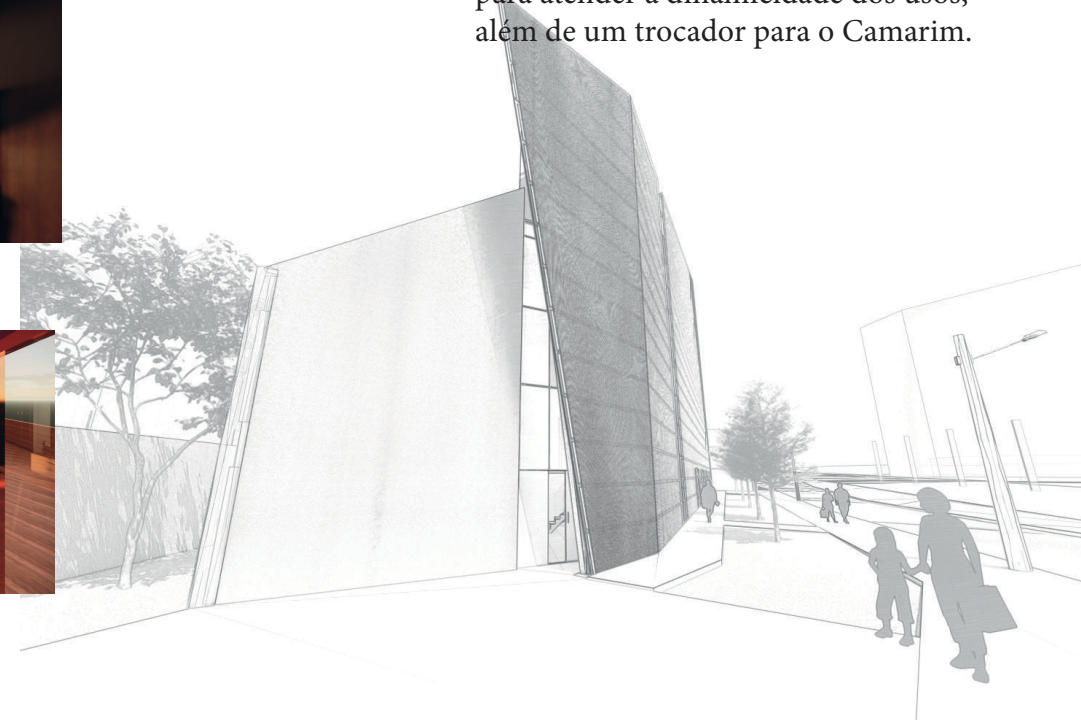
Camarim e ateliê de arte

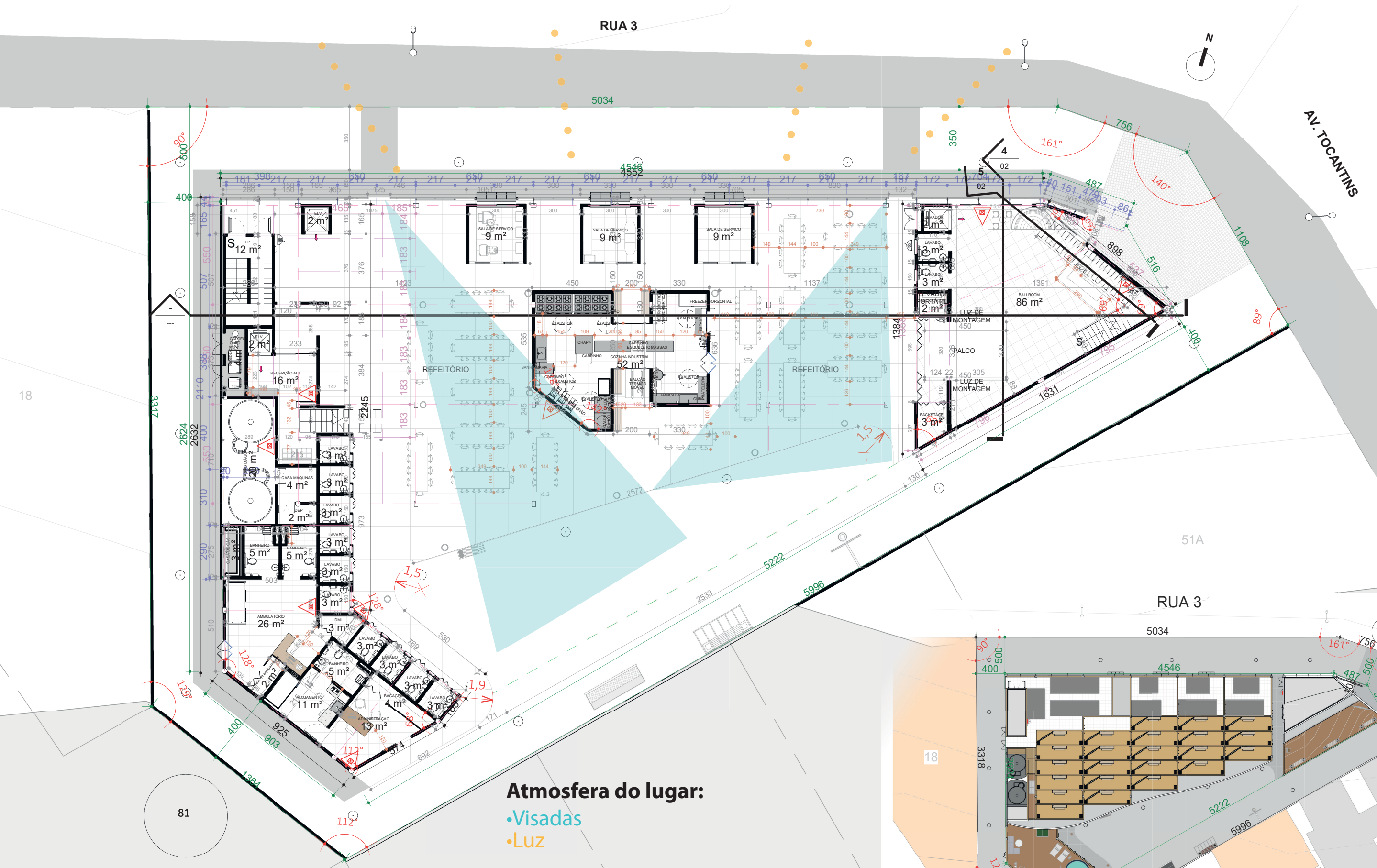


Camarim e ateliê de arte
•Conforto lumínico

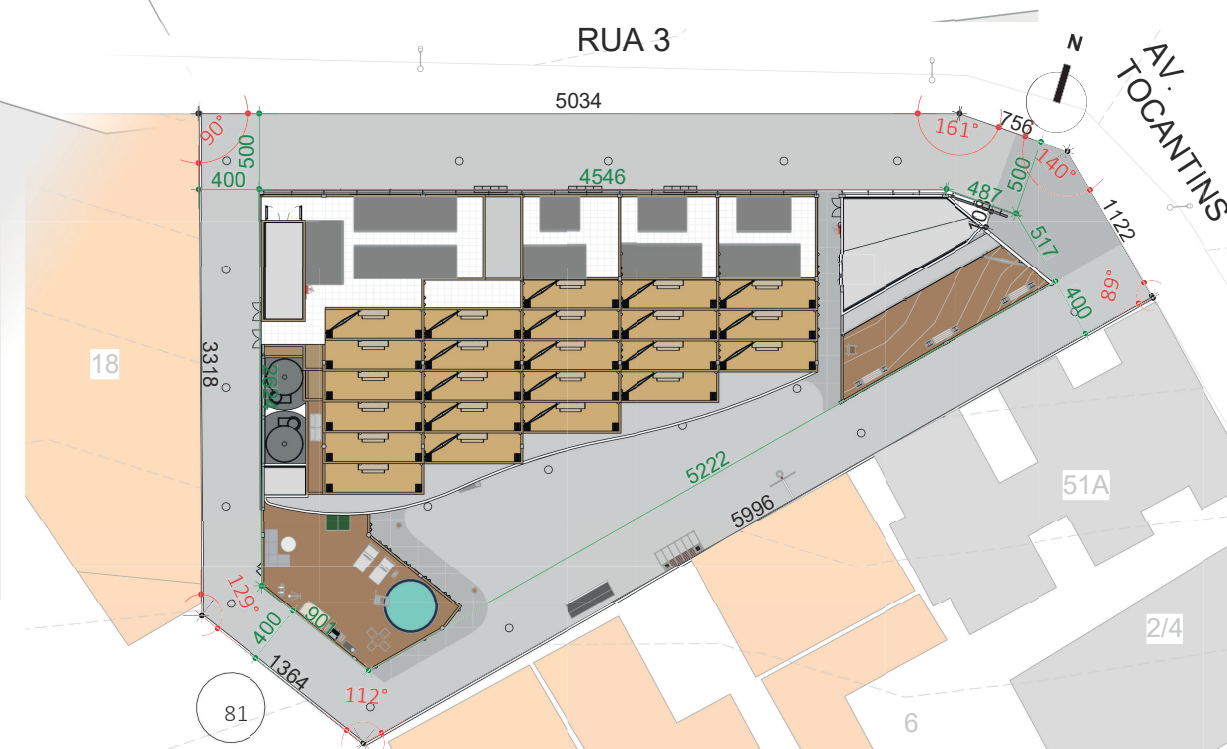


Ateliê de costura
•Conforto lumínico e acústico



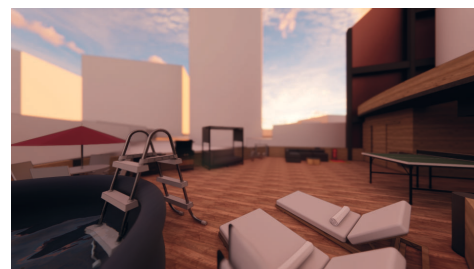


6 PLANTA TÉRREO
ESCALA 1:200

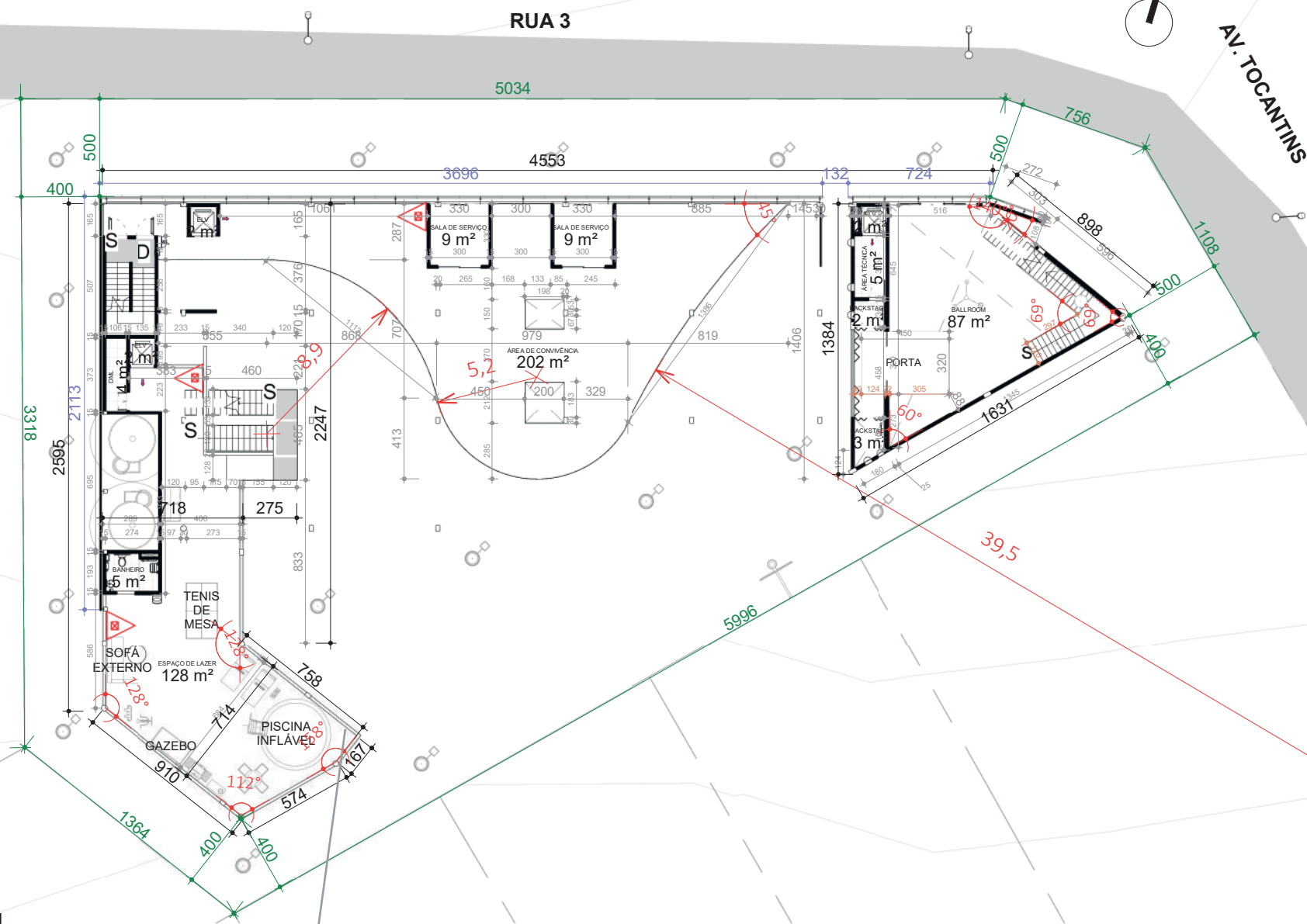


2 PLANTA IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1:500

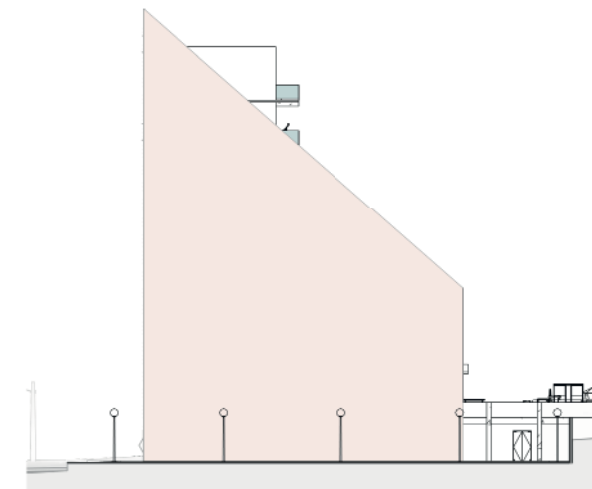
1 **PAV 1**
ESCALA 1 : 300



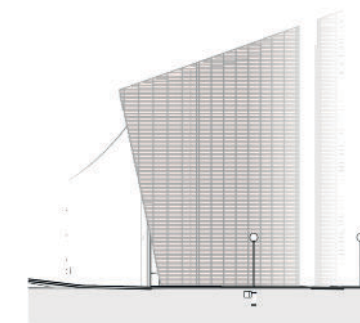
Area de laser com
acesso exclusivo para
os alojamentos



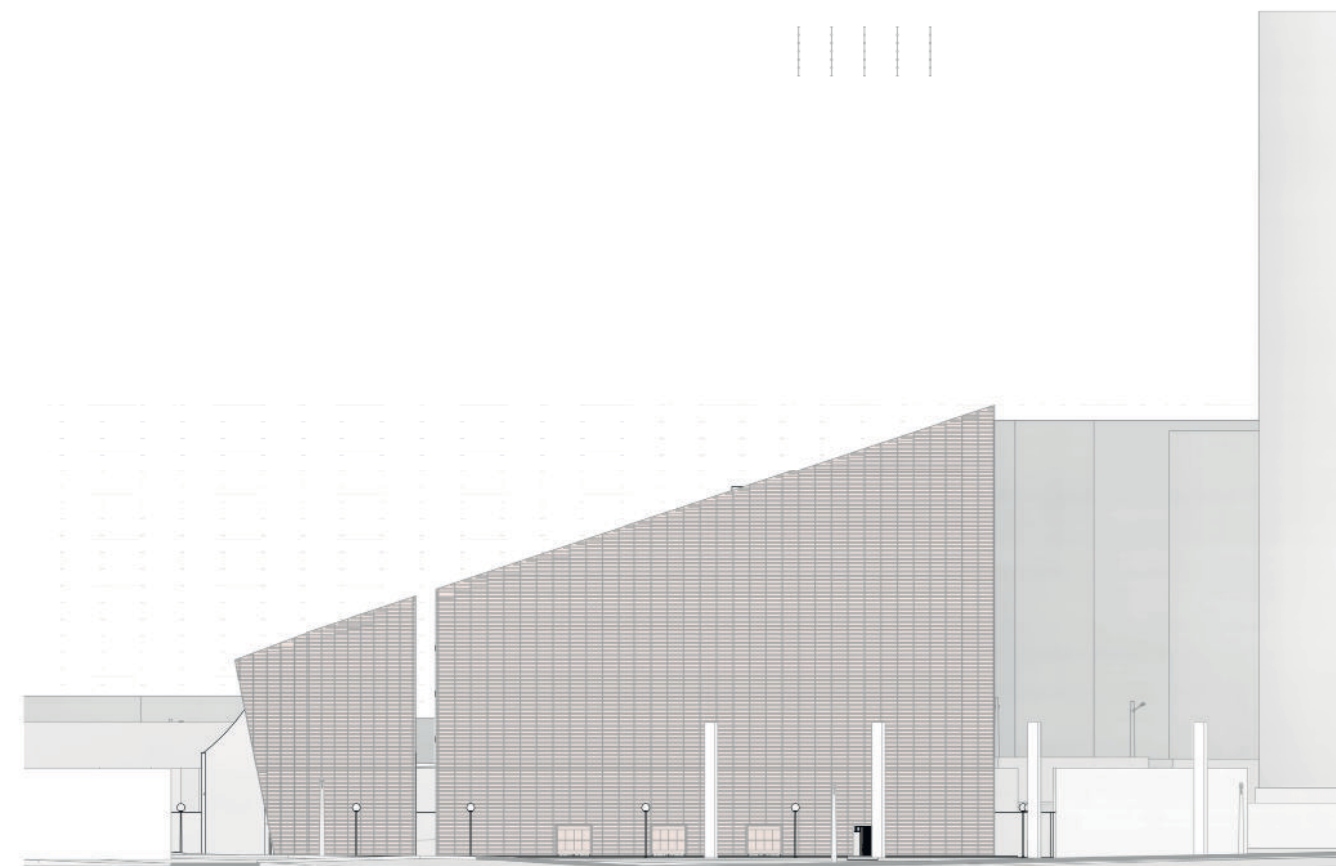
4 **FACHADA OESTE**
ESCALA 1 : 500



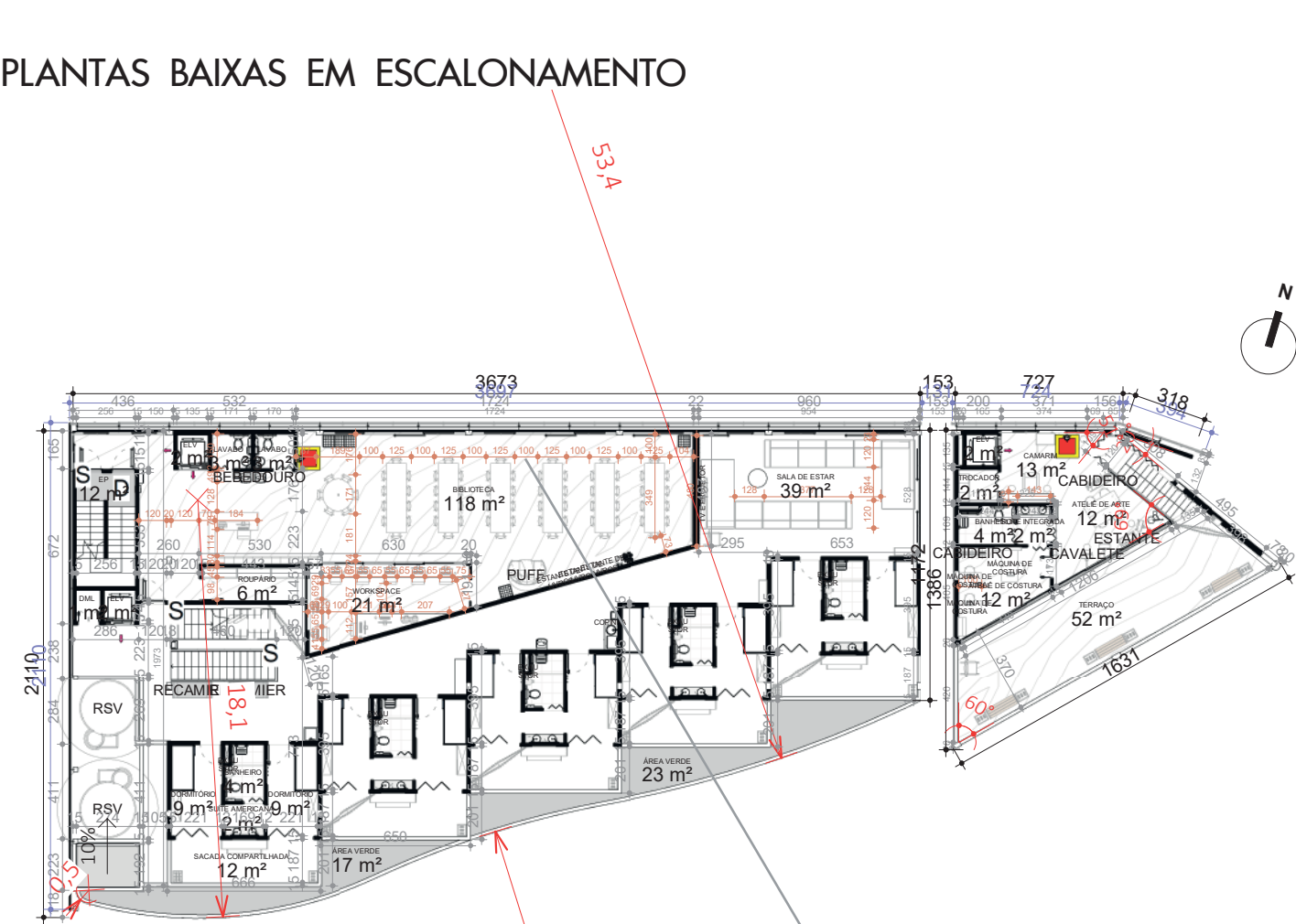
5 **BALL**
ESCALA 1 : 500



6 **FACHADA RUA 3**
ESCALA



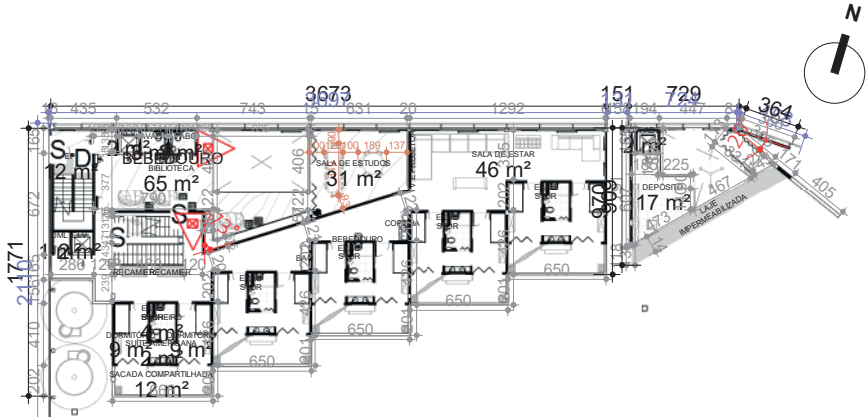
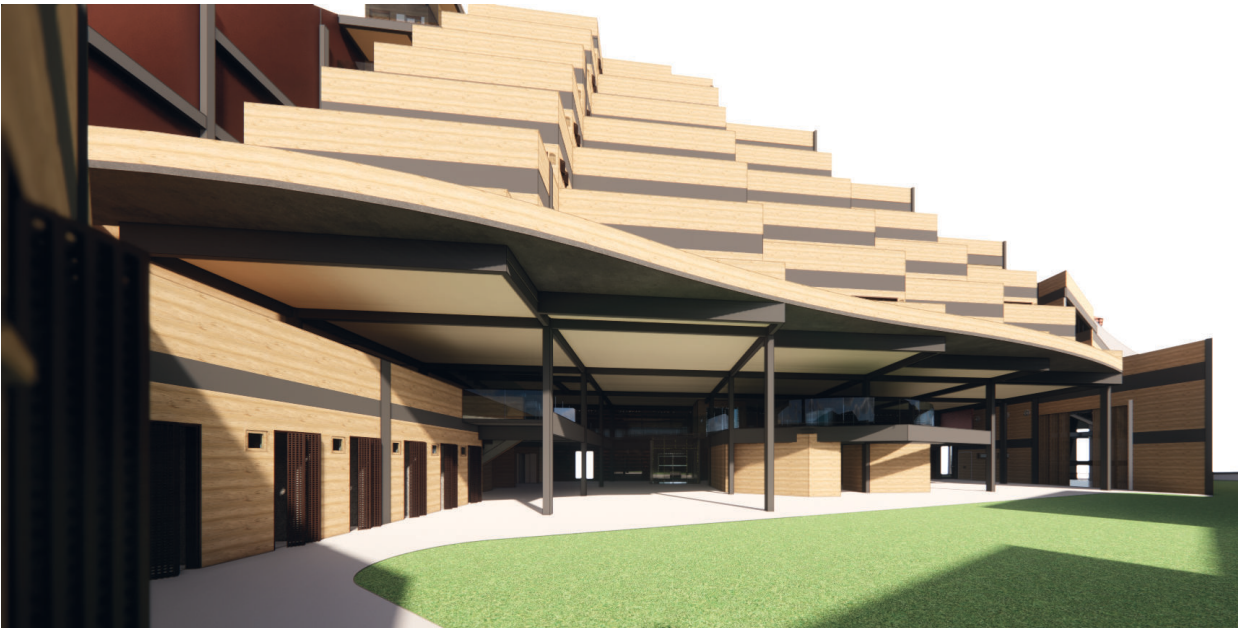
PLANTAS BAIXAS EM ESCALONAMENTO



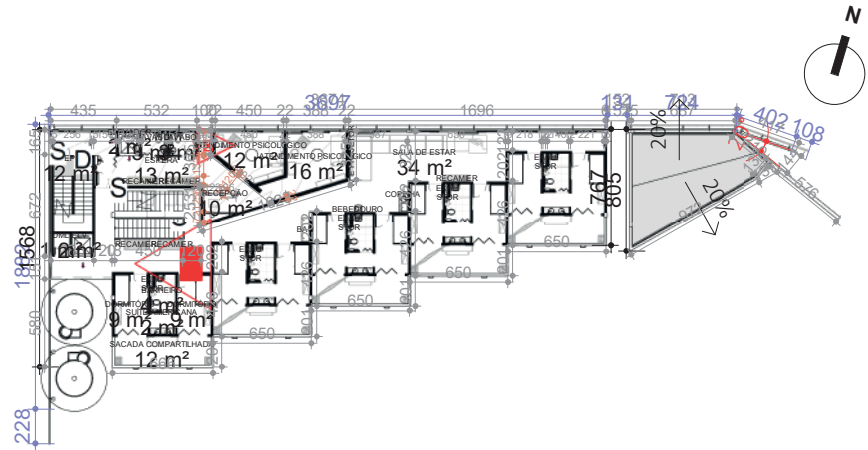
2 **PAV 2**
ESCALA 1 : 300



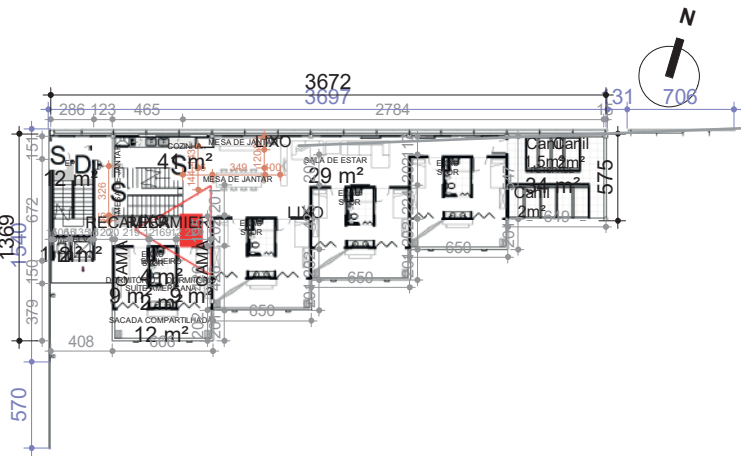
Ambientes: Biblioteca, work-space e roupário



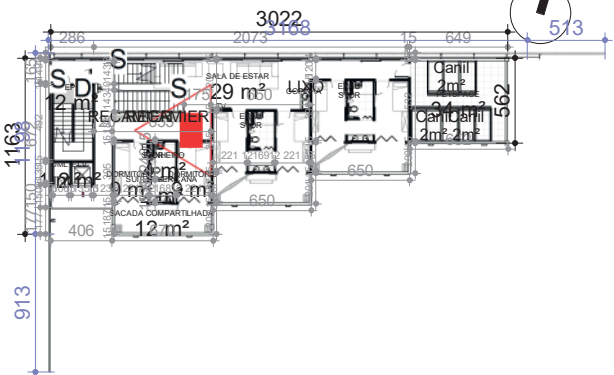
3 **PAV 3**
ESCALA 1 : 500



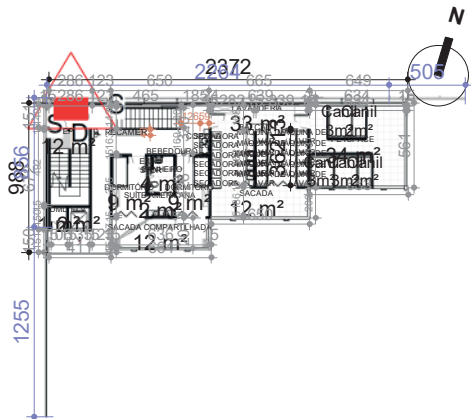
4 **PAV 4**
ESCALA 1 : 500



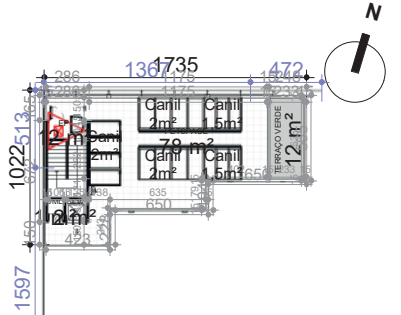
5 **PAV 5**
ESCALA 1 : 500



6 **PAV 6**
ESCALA 1 : 500



7 **PAV 7**
ESCALA 1 : 500



8 **PAV 8**
ESCALA 1 : 500



Cozinha compartilhada das unidades de alojamento de longo prazo

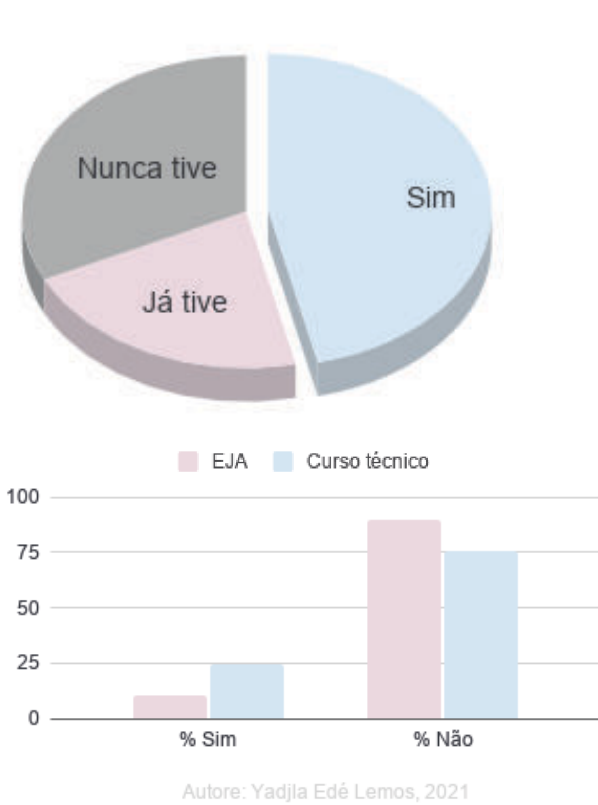
ANEXOS

Pesquisa feita em Goiânia

Levantamento de polos positivos (lugares que passam alguma sensação de segurança para pessoas trans) de Goiânia						
	Espaços privados	%	Espaços públicos	%	Espaços Construídos	%
Espaço físico específico	Nenhum	17	Nenhum	17	"Minha casa"	45
	Evoé	17	Parque Vaca Brava	24	Faculdade	28
	Abrigô	14	Parque Flamboyant	14	Boate LGBTQIA+	17
	Casa Liberté	14	UFG	14	"Casa de amigos"	10
	Identidade Bar	10	Campus II da UFG	7	Teatro	10
	Teatro Goiânia	7	Praça do Itatiaia	7	Alguns bares	10
	Cine Cultura	7	Bosque dos Buritis	7	Cinema	7
	Bar da Tia	3	Praça Cívica	3	Museu	3
	Shivas	3	Vila Cultural	3	Ballroom	7
	Metropolis	3	Lago das Rosas	3	Shopping	3
	Sesi	3	Praça Universitária	3	Galeria de arte	7
	Sesc	3	Martin Cererê	7	"Meu quarto"	7
	Cinema Santa Maria	3	Rua do Lazer	3		
	Roxy	3	Eventos trans	14		
	Mandala	3	Chorinho	7		
	Cabaret Voltaire	7	Terreiro de umbanda	3		
	Coletivo Aruá	3	Iyalodês	3		
	Programação/ Atividade	Teatros	7	Eventos artísticos	3	
Cinema		7				
Shoppings		3				
Iyalodês		7				
"Meu quarto"		7				
Lugares fechados		3				
Samba		3				
Ballroom		3				

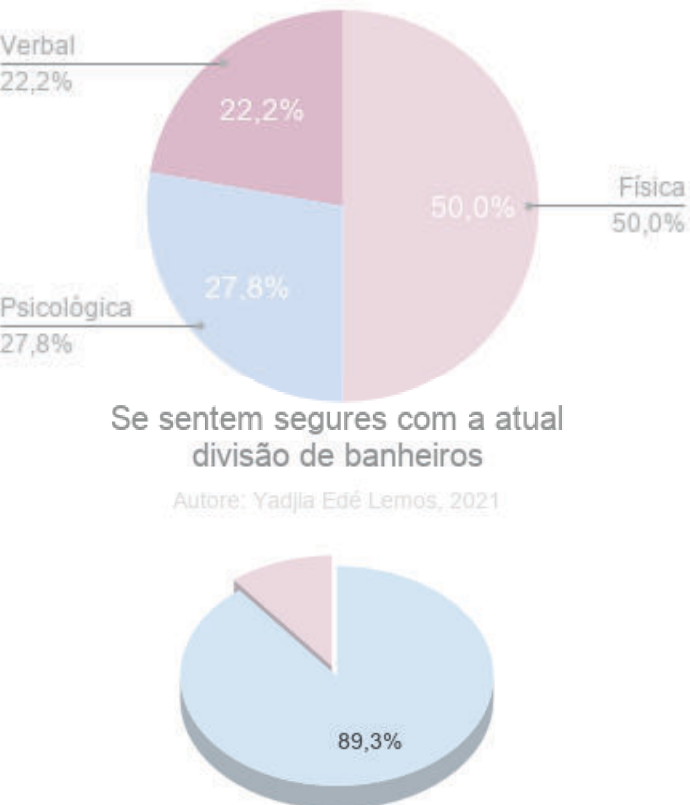
Acesso a tratamento

Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021

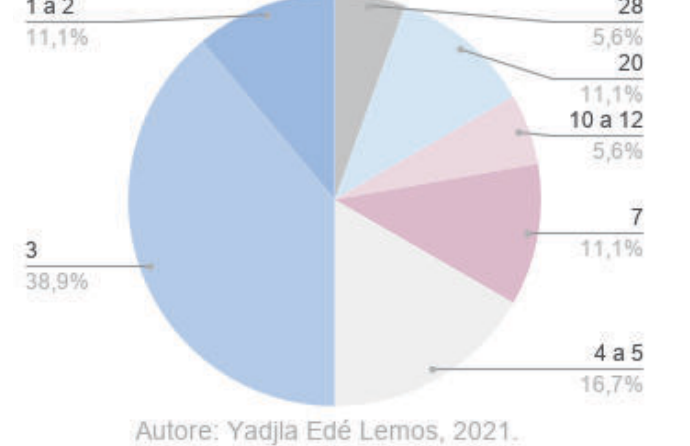


Agressões motivadas por transfobia

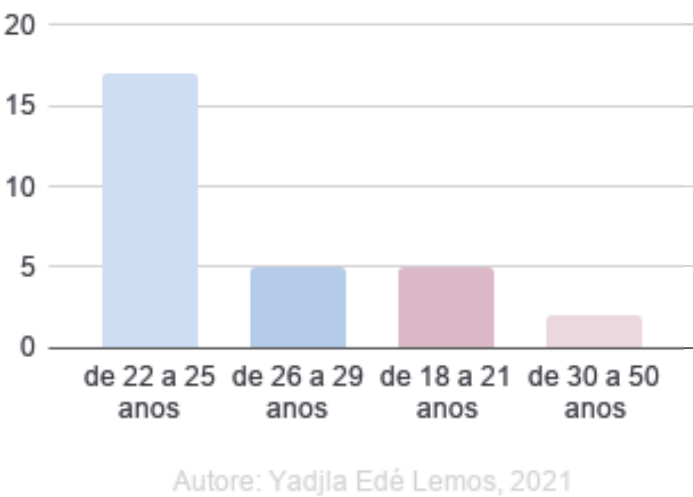
Autore: Yadjla Edé Lemos, 2021



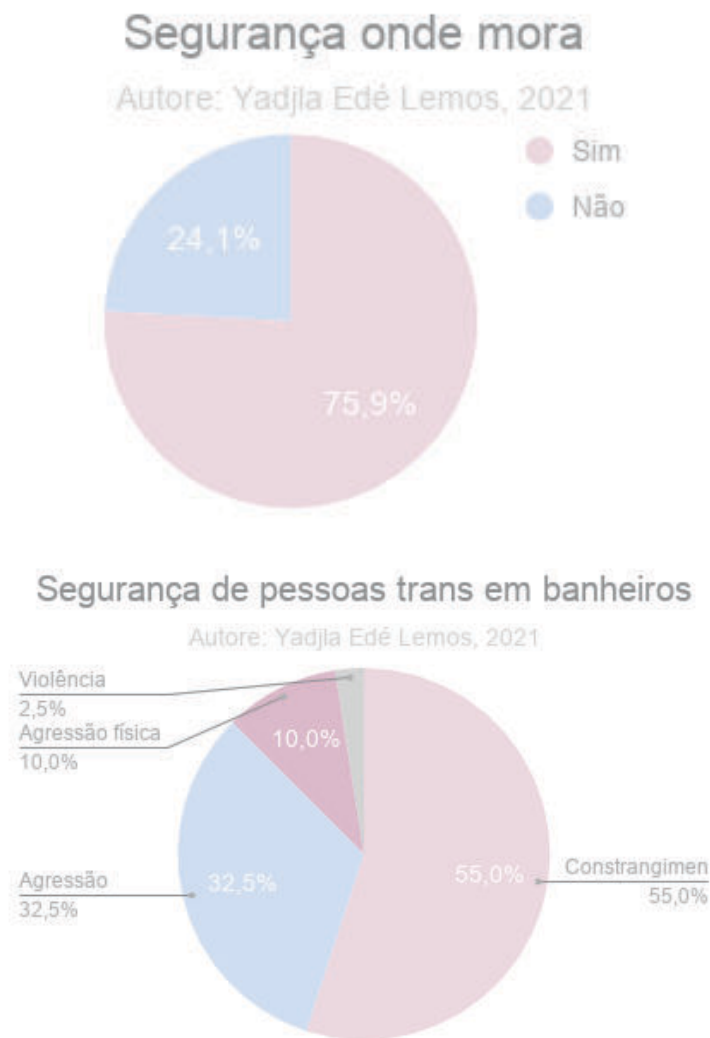
Se sentem seguras com a atual divisão de banheiros



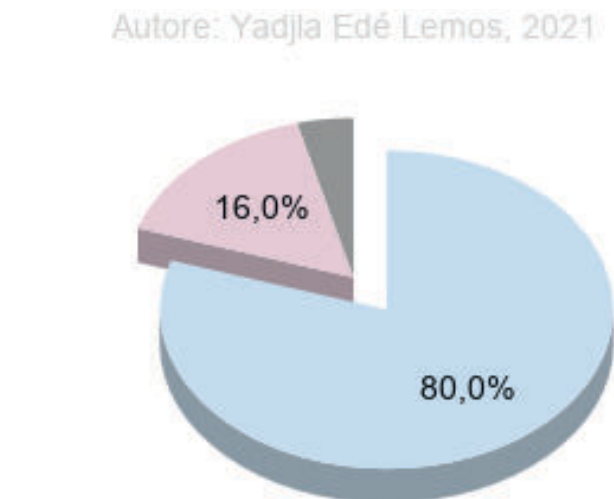
Faixa etária de pessoas trans em



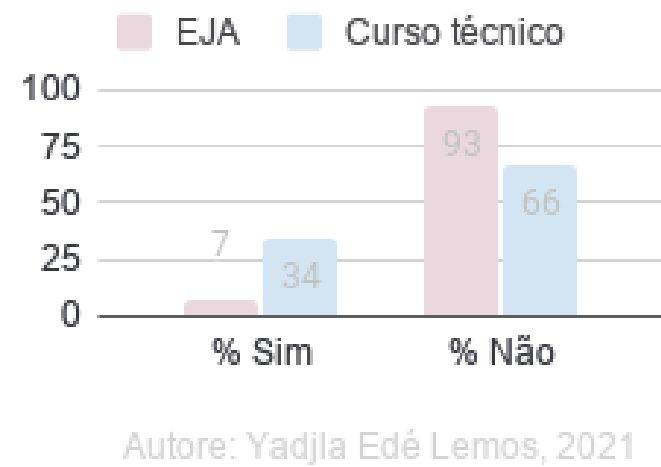
Pesquisa feita em Goiânia



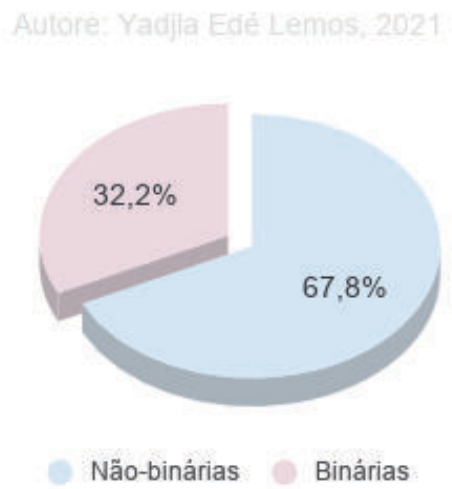
Segurança em banheiros públicos



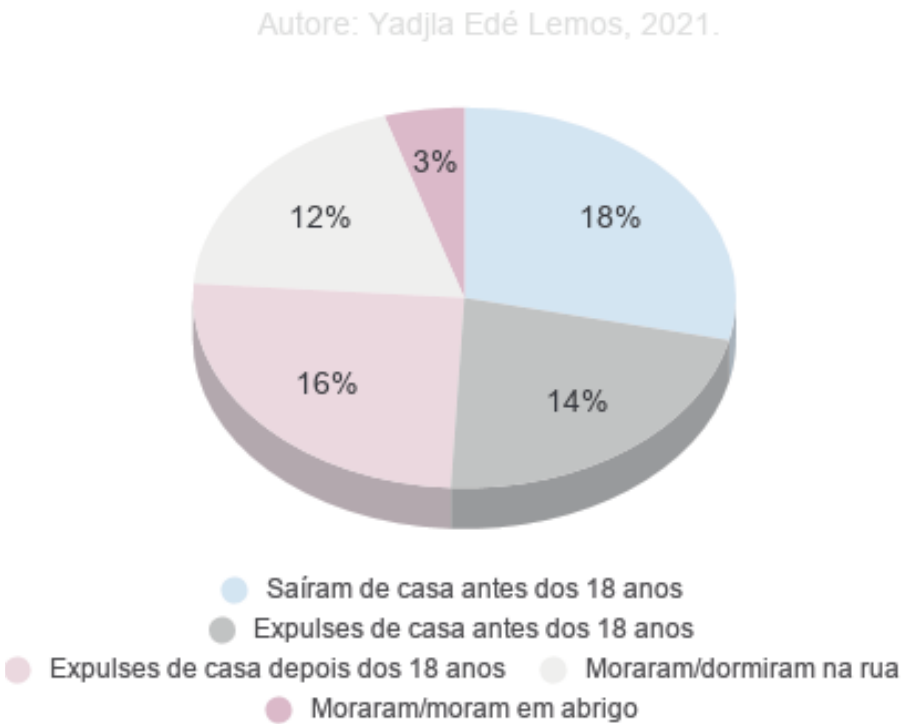
Pesquisa feita no Brasil



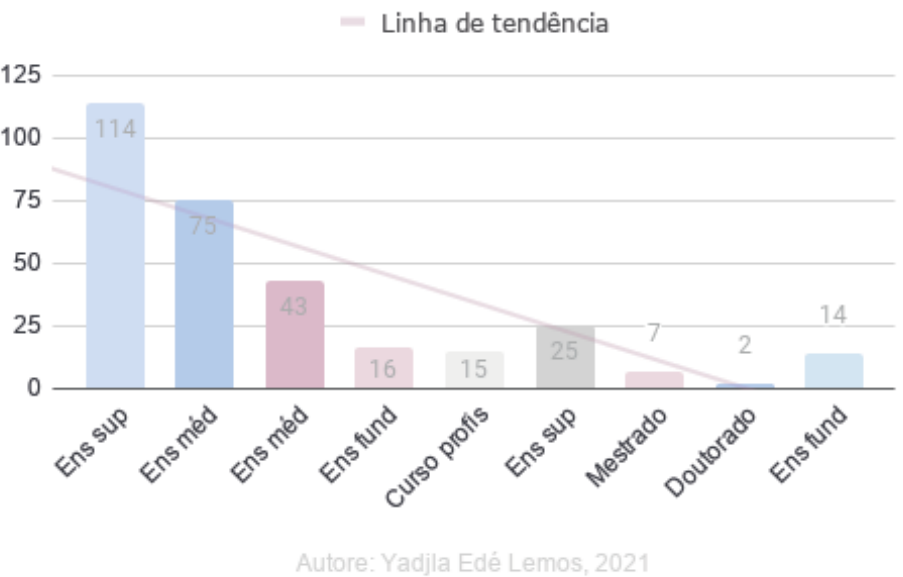
Espectros de gênero da



Situação sociofamiliar de pessoas trans

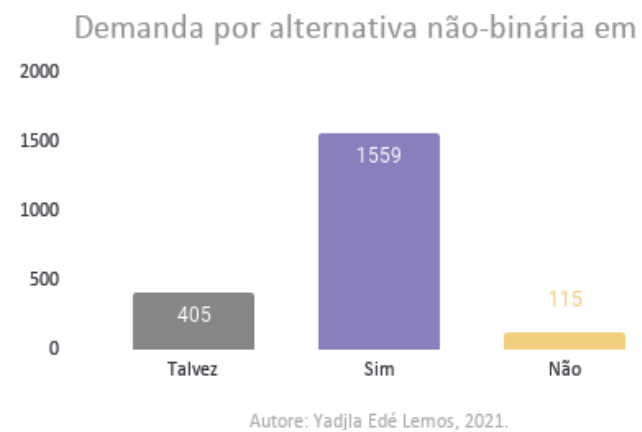


Escolaridade de pessoas trans



Pesquisa sobre pessoas não-binárias feita no Brasil

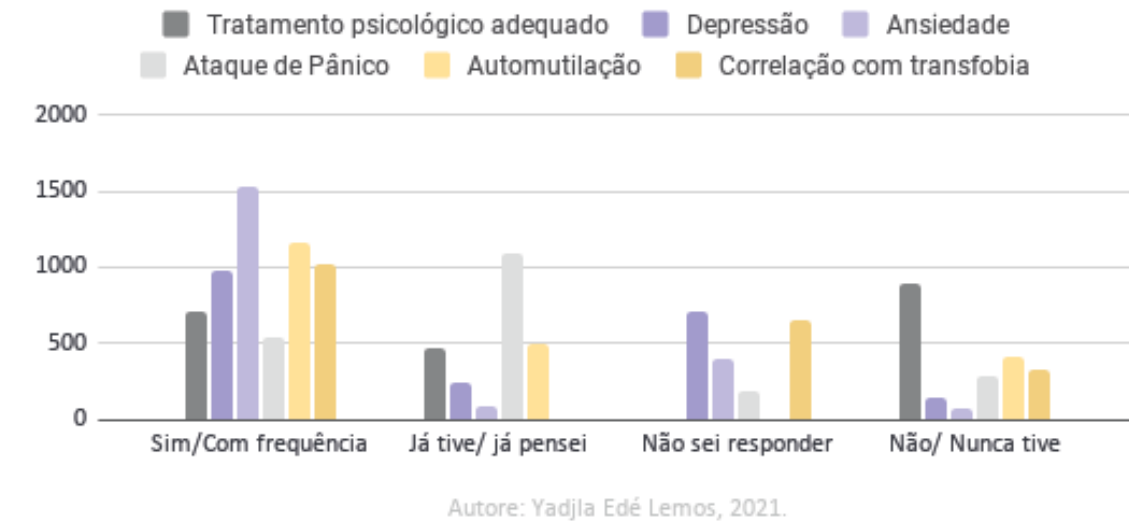
Demanda por gênero neutro em documentos



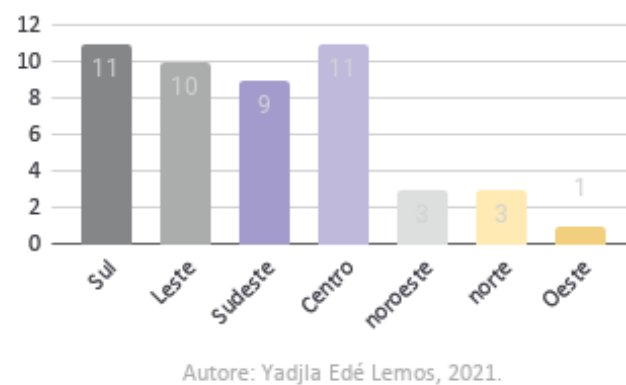
Pessoas não-binárias intersexo



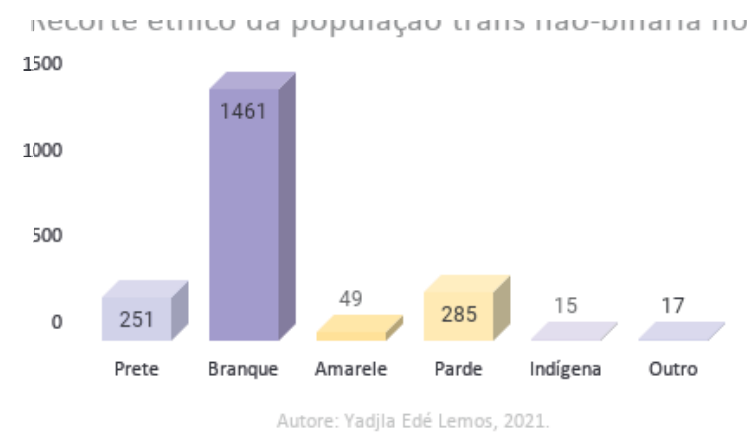
Saúde psicológica de pessoas trans não-binárias



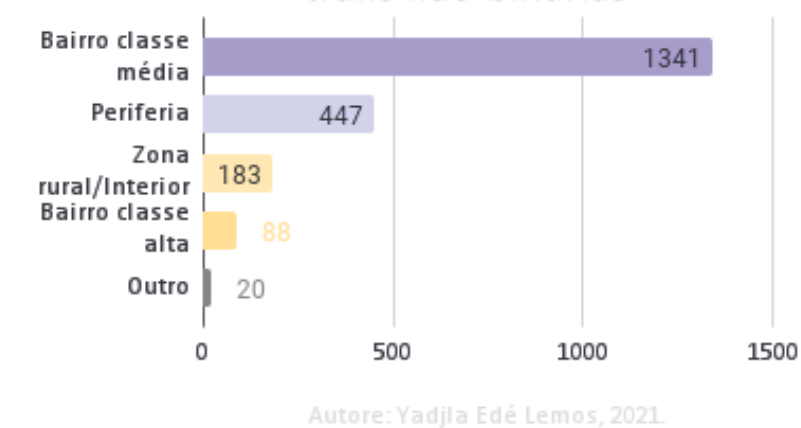
Densidade de pessoas trans não-binárias em Goiânia



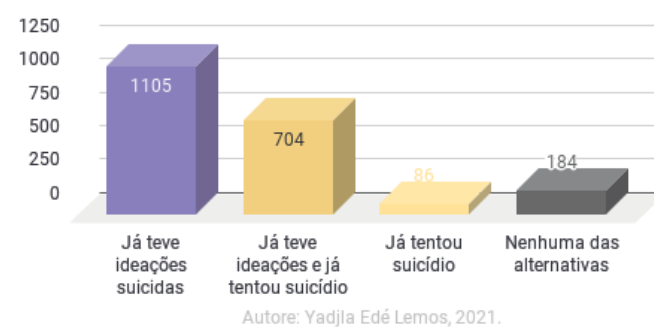
Etnia das pessoas trans nb no Brasil



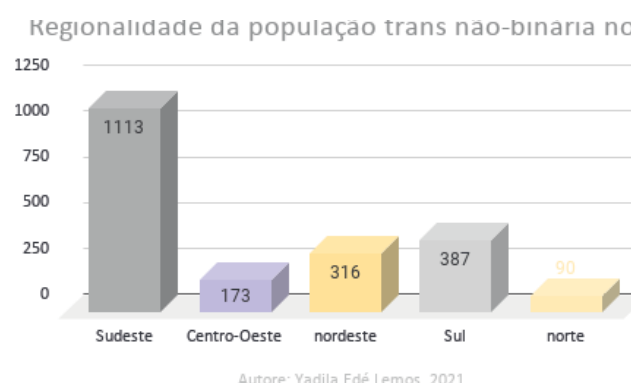
Situação socioespacial de pessoas trans não-binárias



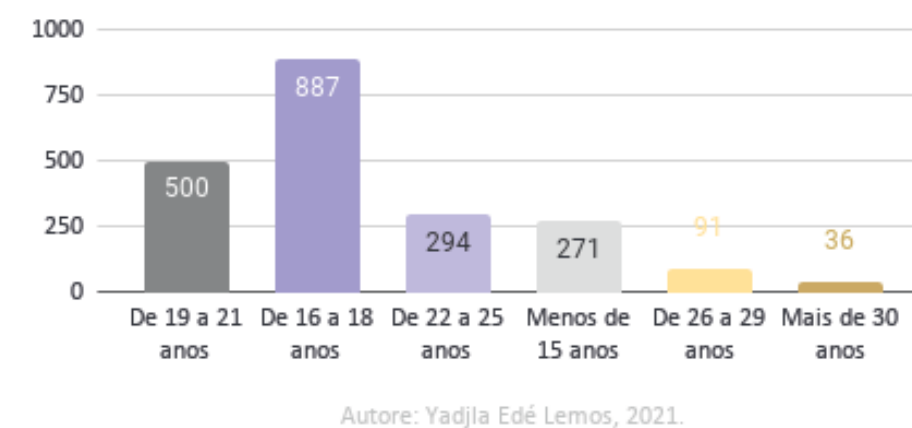
Suicídio de pessoas trans não-binárias



Regionalidade no Brasil



Faixa etária da população trans não-binária



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STRYKER, Susan. Transgender History, 2008.

BUTLER, Judith. Corpos em Aliança e a Política das ruas Normas para uma teoria performativa de assembleia, 2018.

PEDRA, Caio Benevides. Cidadania Trans, Caio Benevides Pedra, 2020.

SANTOS, Arthur Fernando. Cavernas Urbanas.

SILVA, Joseli Maria (org.). Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

PRECIADO, Paul B.. Manifesto Contrassexual, 2015.

MIGAYROY, Frédéric. Bernard Tschumi- ARCHITECTURE: CONCEPT % NOTATION, 2014.

_____. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNION, Alides Baptista. Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta grossa: Todapalavra, 2013.p. 143-182.

ARRAIS, Tadeu Alencar. A produção do território goiano- economia, urbanização e metropolização. Goiânia: Editora UFG,2013.

LEFEBVRE, H. The production of space. Oxford: Blackwell. 3ª ed, 1993.

FERNANDES, A. Decifra-me ou te Devoro: Urbanismo Corporativo, Cidade-Fragmento e Dilemas da Prática do Urbanismo no Brasil no prelo. In: S.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. 15ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEMÕES, T. A cidade subvertida: vínculos, negociações e reinvenções urbanas. PONTO URBE , v. 1, p. 1-14, 2019.

PAULA, F. M. de A. ; CORRÊA, E. A. L. ; PINTO, J.V.C. O papel do Setor Campinas na formação da centralidade polinucleada de Goiânia. Porto Nacional, 2005.

DUARTE, Rovenir Bertola. Caminhos, reflexões e o tempo da arquitetura contemporânea. Arquitectos, São Paulo, ano 11, n. 124.08, Vitruvius, set. 2010

PRECIADO, Paul B. “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”,2018. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102

TSCHUMI, Bernard. Architecture and Disjunction, 1994.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas, 2009.

BAILEY, Marlon. Structures of kinship in Ballroom culture, 2021.

SANTANA, Luisa. Vidas invisíveis, 2020.

LEVANTAMENTO DE ANTIGAS TERRITORIALIDADES TRANSVIADAS:

FERNANDES, Beth. Goiânia, 2021. Entrevista particular.

RETRATO da cena Gay Goianiense. Blogspot, 2016. Disponível em:<http://cenagaygyn.blogspot.com/2016/10/historia-da-cena-gay-goianien-se.html>

CINE MAFALDA. Relação de Cinemas Antigos de Rua do Brasil em atividade nos anos 60. Blogspot, 2010. Disponível em: <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/04/goiania-go.html>

AGLT. LOCAIS GAYS. Blogspot, 2011. Disponível em: <http://agltgo.blogspot.com/2011/09/roteiro-lgbt-de-goiania.html>

BAILEY, Marlon. Structures of kinship in Ballroom culture, 2021.